UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

O Caminho Noético
nto e as danças circulares como veículos da saúde existencial no cuida
Juliana Leonard

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA E CIÊNCIAS HUMANAS

O Caminho Noético

O canto e as danças circulares como veículos da saúde existencial no cuidar

Juliana Leonardi

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para a obtenção do Título de Mestre. Área de Concentração: Enfermagem Psiquiátrica - Linha de Pesquisa: Enfermagem Psiquiátrica: o doente, a doença e as práticas terapêuticas.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA E CIÊNCIAS HUMANAS

O Caminho Noético

O canto e as danças circulares como veículos da saúde existencial no cuidar

Juliana Leonardi

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa Pós-Graduação de em Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto Universidade de São Paulo, para a obtenção do Título de Mestre. Área de Concentração: Enfermagem Psiquiátrica - Linha de Pesquisa: Enfermagem Psiquiátrica: doente, a doença e as práticas terapêuticas.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Jorge Pedrão

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

FICHA CATALOGRÁFICA

Leonardi, Juliana

O Caminho Noético - O canto e as danças circulares como veículos da saúde existencial no cuidar / Juliana Leonardi; orientador Luiz Jorge Pedrão. Ribeirão Preto - São Paulo, 2007. 124 f.

Dissertação (Mestrado Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica. Área de Concentração: Enfermagem Psiquiátrica) — Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

1. Caminho Noético. 2. Musicoterapia. 3. Canto e Danças Circulares. 4. Produções de Sentido para a Existência. 6. Análise Existencial de Viktor Frankl. 7. Saúde Mental.

Data da Defesa: 20 de julho de 2007.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Luiz Jorge Pedrão Professor Doutor do Departa Escola de Enfermagem de Ri	mento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da beirão Preto - USP
Julgamento	Assinatura:
Prof. Dr. Werner Robert Schi Professor Associado do Dep da Faculdade de Medicina de	artamento de Neurologia, Psiquiatria e Psicologia Médica
Julgamento	Assinatura:
Profa. Dra. Adriana Kátia Co Professor Doutor do Departa Enfermagem de Ribeirão Pre	mento de Enfermagem Geral e Especializada da Escola de
Julgamento	Assinatura:

Este trabalho é inteiramente dedicado aos meus pais

Victor Leonardi e Nena Leonardi (em memória)

e a minha amada filha, Marina,

ponto luminoso da criação.

AGRADECIMENTOS INSTITUCIONAIS

À ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, na pessoa de sua Diretora Profa. Dra. Maria das Graças Bonfim de Carvalho, pela oportunidade concedida;

Ao DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA E CIÊNCIAS HUMANAS, na pessoa da Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica Profa. Dra. Toyoko Saeki, por me permitir desfrutar do conhecimento científico e principalmente pelo apoio intelectual, generosidade e afeto nos momentos mais difíceis dessa jornada;

Ao CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DE SEMI-INTERNAÇÃO DE RIBEIRÃO PRETO, na pessoa do Enfermeiro Dr. Sinval Avelino dos Santos, pela oportunidade concedida e apoio afetivo durante todo o processo de pesquisa;

Ao COLÉGIO VIKTOR FRANKL DE RIBEIRÃO PRETO, na pessoa da Médica Dra. Marina Freitas, pela oportunidade de participar dos grupos de estudo sobre a vida e obra de Viktor Frankl e pelos inúmeros encontros para orientação em análise existencial;

Ao INSTITUTO SATHYA SAI DE EDUCAÇÃO DO BRASIL, na equipe dos educadores Vera, Sandra, Dalila e Cristina, pela oportunidade de uma formação amorosa e humanista, vinculada à prática do caminho noético dos valores;

À ESCOLA WALDORF JOÃO GUIMARÃES ROSA, na equipe de pais, amigos, antropósofos e educadores que mantém vivo o sonho de um espaço de partilha e de realização do que há de melhor no ser humano, agradeço em especial pela participação em inúmeros grupos de estudo e seminários de antroposofía, todos extremamente valiosos em meu processo e pesquisa ao longo dessa trajetória;

Ao INSTITUTO NEO-REICHIANO LUMEN DE RIBEIRÃO PRETO, na pessoa de sua diretora, a psicóloga Suely Freitas, por me permitir crescer e enraizar como terapeuta em um espaço profundamente humano e comprometido com o cuidar;

Ao INSTITUTO VISÃO FUTURO, na pessoa de sua diretora, a psicóloga e antropóloga norte-americana Dra. Susan Andrews, pela extraordinária formação nos caminhos da Biopsicologia;

Ao ÃNIMUS – ESPAÇO TERAPÊUTICO DE RIBEIRÃO PRETO, à equipe tão solidária e acolhedora de colegas psicoterapeutas, em especial à enfermeira Zigmar, por me permitirem levar e enraizar minha prática clínica e artística adiante;

E, finalmente, ao COLÉGIO TARSILA DE RIBEIRÃO PRETO, à equipe maravilhosa de diretores, coordenadores, colegas, educadores e principalmente alunos tão queridos que sempre estimularam e apoiaram meu caminho através do afeto e partilha tão plenos de sentido.

AGRADECIMENTOS PESSOAIS

Ao meu amigo e grande mestre, meu ORIENTADOR, Prof. Dr. Luiz Jorge Pedrão, por ser um exemplo de educador e pesquisador humanista, ensinando o verdadeiro sentido da saúde e do caminho do cuidador, mais com o exemplo de seu ser do que com palavras e teorias;

Aos meus PROFESSORES DOUTORES DA EERP/USP: Maria Cristina, Adriana Kátia, Conceição, Pedrão, Cecília e Toyoko, pelo apoio, conhecimentos transmitidos e orientações valiosas;

À MUSICOTERAPEUTA e PSICOTERAPEUTA CORPORAL NEO-REICHIANA Claudia Lélis, exemplo maior de CUIDADORA, ponto extremamente brilhante e luminoso da minha vida, agradeço seus cuidados ao longo de todo esse processo e suas valiosas sugestões e orientações em supervisão;

À PROFESSORA Dra. Edna Paciência Vietta, pelos ricos encontros de supervisão em análise existencial e por seu generoso apoio afetivo, estímulo e incentivo em todos os momentos deste trabalho e também do meu processo pessoal;

Às minhas COLEGAS MUSICOTERAPEUTAS, Rosimeri Priscila Pupin e Fátima de Oliveira, por me apoiarem nesse trabalho prestando ajuda como musicoterapeutas e observadoras voluntárias no trabalho de campo. À Rosimeri agradeço em especial nossa eterna e leal parceria nos caminhos do cuidar e das rodas de dança;

Aos meus queridos AMIGOS e COLEGAS DA EERP / USP: Francine Melchior, Gisele Cury, Camila Caixeta, Fernanda Nocam e Silvia Sidnéia, pelos ricos momentos de trocas intelectuais, afetivas, solidariedade e alegria nesta caminhada;

À EQUIPE DO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DE SEMI-INTERNAÇAO DE RIBEIRÃO PRETO, pela disponibilidade, abertura e trocas durante todo o processo;

Aos USUÁRIOS DO CAPS SEMI-INTERNAÇÃO DE RIBEIRÃO PRETO que compuseram a amostra deste estudo, pela partilha, lições e ensinamentos de vida;

Às PROFESSORAS INTEGRANTES DA BANCA DE QUALIFICAÇÃO: Profa. Dra. Edna Paciência Vietta, Profa. Dra. Maria Conceição Bernardo de Mello e Souza e Profa. Dra. Toyoko Saeki, pela disponibilidade e valiosas contribuições durante esse exame;

À minha FAMÍLIA, muito querida e especial, que sempre incentivou minha trajetória ao longo dessa jornada: Victor Leonardi, meu pai e meu mestre, Rodrigo Leonardi, meu irmão e absolutamente único irmão, Nédia Garcia Marinheiro (em memória), minha avó, que tornou tantos sonhos possíveis em minha vida graças ao seu amor e presença, Hélida Marinheiro, minha amada tia que esteve ao meu lado em momentos difíceis, agradeço pela lealdade e carinho e Marininha, filhinha do coração, que me alegrou todos os momentos desse caminho e acreditou na minha força até o final;

Aos AMIGOS do peito e eternos: Flávia Vivacqua, Betânia Xavier, Alessandra Cyrino, Francine Melchior e Rosimeri Pupin, por tudo de belo que partilhamos e por fazerem parte da melhor parte da minha história;

Ao meu querido GRUPO de DANÇAS CIRCULARES "FLORES DE MORYA", agradeço pelos encontros fraternos e amorosos na roda das danças e na partilha dos cantos dos povos, em especial minha gratidão às queridas amigas Nilva Murtha e Bruna Murtha pelo apoio e carinho constantes no trabalho, Rosimeri Pupin, eterna parceira, Francine Melchior, Débora Ferriolli, Claudinha Ferriolli e Annelvira Gabarra, incentivadoras incondicionais do trabalho;

À todos os COLEGAS e AMIGOS que surgem e enriquecem minha vida com seu amor e sabedoria, em especial meus sinceros agradecimentos aos novos amigos do LUMEN e da WALDORF, pessoas de grande sensibilidade e bondade;

Às PESSOAS que auxiliaram na confecção da dissertação: à Arlete e Lívia pelo resumo em inglês, à Sofi e Andrés por realizarem a versão da língua espanhola, à Bernadete pela revisão das normas bibliográficas, Victor e Márcia pela revisão do português e Leandro pela diagramação e revisão gráfica. E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho expresso meus sinceros agradecimentos.

EPÍGRAFE

"Só posso me ver inteiro, como sou quando o olhar do outro em que me vejo refletir a imagem de um gesto de amor Pois só quando um outro espelha um rosto tomado de amor: o meu o espelho do olhar do outro acende a luz onde eu me vejo nu e claro, como sou e não uma imagem, mas uma pessoa a quem o amor toma para dizer: eu sou! Eu sou no meu amor, e não por mim mas em mim, através de um outro que no olhar do afeto me devolve no espelho do brilho de seus olhos não mais o rosto do meu ego: uma figura mas o rosto de meu rosto em um outro: uma pessoa".

Leonardo Boff

RESUMO

LEONARDI, J. **O Caminho Noético – O canto e as danças circulares como veículos da saúde existencial no cuidar**. 2007. 124 f. Dissertação (Mestrado - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

Esta pesquisa teve por objetivo compreender os sentidos e valores para a existência atribuídos por portadores de transtornos mentais em um CAPS a partir de um processo musicoterapêutico centrado nas vivências do canto e das danças circulares à luz da análise existencial-humanista de Viktor Frankl. Foi montado um grupo de estudo com 10 usuários do CAPS semi-internação de Ribeirão Preto ao longo de 4 meses de atuação e intervenção. O trabalho de campo contou com a participação de dois musicoterapeutas, sendo um observador e outro assistente. Enquanto procedimento realizamos entrevistas individuais iniciais com os sujeitos da pesquisa, levantamento do histórico sonoro-musical dos participantes e registro dos depoimentos dos mesmos ao longo dos 4 meses de intervenção e atuação. As produções de sentidos dos portadores a partir deste processo revelaram a importância da experiência de ser e conviver em grupo como parte dos valores de saúde mais significativos e urgentes na vida dos usuários. Os valores e sentidos de vida compartilhados e mencionados pelos portadores como necessários para o resgate da saúde mental foram: a) existir e ser reconhecido, em seu valor e vida, por outro ser humano; b) relações humanas solidárias como possibilidade concreta de acesso à uma dimensão real de saúde; c) o sentido de saúde mencionado é entendido como vivência e partilha de amizade, amor e encontro genuíno entre dois seres humanos; d) a busca das relações e do outro como o desejo mais profundo dos portadores no resgate da sua saúde mental e, finalmente e) a vivência do canto e das danças circulares como importantes veículos da saúde existencial e de valores noéticos na vida dos portadores.

Palavras-chave: 1. Caminho Noético 2. Musicoterapia 3. Canto e Danças Circulares 4. Produções de Sentido para a Existência 6. Análise Existencial de Viktor Frankl 7. Saúde Mental

RESUMO

LEONARDI, J. The Noetic Path – The singing and the circular dances as vehicles of the existential health in care. 2007. 124 f. Thesis (Master)- College of Nursing, University of São Paulo at Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2007.

This research aimed to understand the meanings and values attributed to the existence by patients with mental disorders in a CAPS (Psychosocial Support Center) from a music therapeutic process focused on the experiences of singing and circular dancing based on the existential-humanist analysis of Viktor Frankl. A group of study with ten users in semi hospitalization in a CAPS in Ribeirão Preto was composed along the four months of acting and intervention. Two music therapists, one observer and an assistant participated in the field work. Initial individual interviews were performed; the participants' sonorous-musical history was evaluated and the discourses reported during the four months of intervention and acting were recorded. The production of the patients' meanings from this process revealed the importance of the experience of being and living in a group as part of the most significant and vital health values in the users' lives. The values and life meanings shared and reported by the patients as necessary for the recovery of mental health were: a) existing and being recognized, in one's value and life, by other human being; b) reciprocal human relations as concrete possibility of accessing a real dimension of health; c) the meaning of health mentioned is understood as experiencing and sharing friendship, love and genuine encounter between two human beings; d) the search for relationships and for the other as the patients' profound desire in the recovery of mental health and finally, e) the experience of the singing and the circular dances as important vehicles of the existential health and of noetic values in the patient's lives.

Key-words: 1. Noetic Path 2. Music therapy 3. Singing and Circular Dancing 4. Productions of Meanings for the existence 6. Existential Analysis of Viktor Frankl 7. Mental Health

RESUMEN

LEONARDI, J. El Camino Noético – El canto y las danzas circulares como vehículos de la salud existencial en el cuidar. 2007. 124 h. Disertación (Maestría)-Escuela de Enfermería de Ribeirão Preto, Universidad de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

La finalidad de esta investigación fue comprender los sentidos y valores para la existencia atribuidos por portadores de trastornos mentales en un CAPS a partir de un proceso musicoterapéutico centrado en las vivencias del canto y de las danzas circulares a la luz del análisis existencial-humanista de Viktor Frankl. Se organizó un grupo de estudio con 10 usuarios del CAPS semi-hospitalización de Ribeirão Preto a lo largo de 4 meses de actuación e intervención. El trabajo de campo contó con la participación de dos musicoterapeutas, siendo un observador y otro asistente. Como procedimiento realizamos entrevistas individuales iniciales con los sujetos de la investigación; recopilación del histórico sonoro-musical de los participantes y registro de sus testimonios a lo largo de los 4 meses de intervención y actuación. Las producciones de sentidos de los portadores a partir de este proceso revelaron la importancia de la experiencia de ser y convivir en grupo como parte de los valores de salud más significativos y urgentes en la vida de los usuarios. Los valores y sentidos de vida compartidos y mencionados por los portadores como necesarios para el rescate de la salud mental fueron: a) existir y ser reconocido, en su valor y vida, por otro ser humano; b) relaciones humanas solidarias como posibilidad concreta de acceso a una dimensión real de salud; c) el sentido de salud mencionado es entendido como vivencia y partición de amistad, amor y encuentro genuino entre dos seres humanos; d) la búsqueda de las relaciones y del otro como el deseo más profundo de los portadores en el rescate de su salud mental y, finalmente e) la vivencia del canto y de las danzas circulares como importantes vehículos de la salud existencial y de valores noéticos en la vida de los portadores.

Palabras-clave: 1. Camino Noético 2. Musicoterapia 3. Canto y Danzas Circulares 4. Producciones de Sentido para la Existencia 6. Análisis Existencial de Viktor Frankl 7. Salud Mental

SUMÁRIO

página

1 Apresentação	1
2 Introdução	6
3 Objetivos	13
4 Marco Referencial	14
4.1 Viktor Frankl: Vida e Obra	14
4.2 O Caminho Noético de Viktor Frankl e a Crise do Paradigma Emergente	18
4.3 A Realização do Sentido no Caminho Noético dos Valores Humanos	24
4.4 O Caminho Noético dos Valores por meio do Canto e das Danças Circulares-	
5 Metodologia	31
5.1 Tipologia	31
5.2 Local	
5.3 Sujeitos	34
5.4 Procedimentos	36
5.5 Da Estruturação Noética dos Encontros	42
5.6 Compreensão dos Sentidos Partilhados	45
5.7 Apresentação dos Sentidos Noéticos dos Sujeitos	
5.8 Cuidados Éticos	
6 Compreensão dos Sentidos	49
6.1 Entrevistas Iniciais: Dimensão Noética e Identidade Sonoro-Musical do Grupo	
6.2 Da Estrutura Noética dos Encontros	
6.3 Primeiro Ciclo Terapêutico: Esperança na Vida e no Homem	
6.4 Segundo Ciclo Terapêutico: Liberdade e Responsabilidade	80
6.5 Terceiro Ciclo Terapêutico: EU-TU	
6.6 Quarto Ciclo Terapêutico: Apesar de tudo sim à vida!	90
7 Considerações Finais	107
8 Referências	112
Apêndices	120
Anexos	124

Como historiadora e musicoterapeuta, tenho me interessado nesses últimos anos pelo papel do canto e das danças circulares na formação psíquica e cultural da humanidade, bem como pela relevância e valor de tais tradições na promoção da saúde mental e de uma cultura de paz e não violência entre os homens. Nos últimos quatro anos, tive o privilégio de crescer, aprender e descobrir novos sentidos para o processo musicoterapêutico por meio do trabalho vocal associado ao movimento. Utilizando preferencialmente canções da identidade sonoro-musical do grupo e movimentos em roda, pude perceber o significado e valor de tais vivências no processo terapêutico dos pacientes, em especial no que diz respeito ao sentido e importância do outro, da relação, do encontro e da vivência compartilhada dos valores humanos facilitados e incentivados pela experiência do canto coletivo e de danças em roda. Foi a partir de um processo de trabalho interno profundo e das minhas experiências com grupos de crianças vivendo com HIV/Aids, usuários etilistas e portadores de transtornos mentais, que iniciei uma série de questionamentos e buscas em relação ao significado da doença e o próprio conceito e dimensão do que é saúde no ser humano. Acreditamos que seja importante compartilhar e esclarecer, neste momento, algumas experiências e aprendizados prévios dos pesquisadores que serviram para os pressupostos teóricos e a implantação do trabalho de campo deste presente estudo.

Quando procurei pela primeira vez o Prof. Dr. Luiz Jorge Pedrão, do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, fui movida pelo desejo de encontrar um orientador na área da saúde mental que pudesse acolher e acreditar na possibilidade das experiências musicais e de movimento em um processo artístico-terapêutico com portadores de transtornos mentais. Minha experiência como musicoterapeuta clínica, já tinha, há muito, apontado alguns desses caminhos e

possibilidades, em especial com o trabalho de cantos e canções associados aos movimentos em roda. O Dr. Luiz Jorge Pedrão tinha sido indicado por sua atuação na Biodança e por sua relação íntima e plena de vínculo com a música, por meio do projeto "Psiquiatria em Sintonia" desenvolvido no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto. Meu encontro com o Prof. Dr. Luiz Jorge Pedrão ocorreu em fevereiro de 2004 e decidimos juntos, então, realizar uma experiência prévia com a proposta de Cantos e Danças Circulares na Assistência Psiquiátrica em um Centro de Atenção Psicossocial Semi-Internação de Ribeirão Preto. Essa experiência que antecederia ao ingresso da pesquisadora no Programa de Pós-Graduação tinha por objetivo amadurecer o próprio caminho clínico dos pesquisadores, levantando possibilidades e permitindo a visualização de abordagens mais adequadas para o processo musicoterapêutico e para os procedimentos futuros da coleta de dados. Esse trabalho, que antecedeu a pesquisa de campo de 4 meses, ocorreu de março de 2004 a março de 2005 com dois grupos de usuários do CAPS, psicóticos e não-psicóticos. Esses dados e reflexões preliminares foram fundamentais, a nosso ver, por termos escolhido uma abordagem de base existencial e influenciada pela antropologia filosófica e, que, portanto, pressupõe dimensões e procedimentos em relação ao objeto de estudo bem diferentes dos elementos trabalhados pelas pesquisas quantitativas.

O que tornou possível a visualização e amadurecimento dessa pesquisa foi justamente esse mergulho vivencial de um ano, que incluiu não apenas os encontros semanais com os grupos, mas a participação permanente da pesquisadora nas reuniões de equipe, nas assembléias junto aos usuários, eventos culturais promovidos pelo CAPS e celebrações internas na instituição, promovendo uma melhor integração da pesquisadora com os usuários, familiares e funcionários. Nesse mergulho existencial e antropológico, a vida e obra de Viktor Frankl, com suas possibilidades noéticas e de

realização do sentido por meio dos valores, acabaram por cruzar nosso caminho, e desse encontro começamos então a visualizar as relações e aproximações de sua proposta psicoterapêutica com a experiência e significado atribuído pelos próprios pacientes à vivência do canto e das danças circulares.

Esse projeto nasceu, portanto, não de uma idéia abstrata ou puramente "intelectual" sobre as produções de sentido para a existência em pacientes portadores de transtornos mentais, mas de um encontro humano, real, da abertura e da necessidade de escuta dos pesquisadores em relação ao outro, em um processo dialógico, com acertos e erros, na tentativa de compreender os sentidos e significados desse caminho de acesso ao sentido da vida de cada portador e de tornar possível e transformadora a vivência dos valores humanos por meio da música e do movimento.

Essa experiência e aprendizado que antecedeu a realização do trabalho de campo tiveram características e elementos diversos, como, por exemplo, a inclusão de familiares nos encontros a pedido dos pacientes, a participação de muitos funcionários em diversos momentos dos encontros, a abertura do grupo para novos integrantes e, finalmente, a união dos dois grupos, psicóticos e não-psicóticos, em uma mesma sessão, a pedido dos próprios participantes, o que resultou, para surpresa dos pesquisadores, num melhor desenvolvimento dos psicóticos e no sentimento positivo de cooperação e amizade por parte dos não-psicóticos, segundo suas próprias palavras. Essa característica de grupo aberto, que permitiu a construção do caminho junto aos usuários, foi fundamental para as concepções e amadurecimentos posteriores da trajetória única e sempre dialógica, que significa envolver-se em uma pesquisa qualitativa. Nossas posturas teóricas e visões de trabalho clínico restritas ao *setting* terapêutico precisaram se confrontar a todo o momento com a realidade e dinâmica da própria instituição, bem como com os diferentes sentidos atribuídos pelos pacientes ao processo

musicoterapêutico dos cantos e danças circulares. Ficou claro para os pesquisadores, portanto, como lição das abordagens de pesquisas qualitativas em saúde mental, que esse contato prévio e interação com os sujeitos da pesquisa e seu ambiente representam a essência de toda investigação compreensiva. Essa percepção, contudo, exige uma revisão profunda da relação do pesquisador e da própria academia com o elemento tempo, tanto no que diz respeito a duração das pesquisas qualitativas quanto ao caminho e tempo de formação dos estudiosos nessa área do saber.

Tais buscas e questionamentos com diversas abordagens psicoterapêuticas contempladas até então ao longo de nossa formação, como os modelos organicistas e psicoanalíticos em saúde, ambos importantes e com suas devidas contribuições ao conhecimento, mas também limitados em suas concepções e visões de mundo e de homem, acabaram por nos levar ao encontro da vida e obra do médico psiquiatra Viktor Frankl, criador da 3ª Escola de Psicoterapia de Viena ou Logoterapia, também conhecida como Psicoterapia através do Sentido da Vida. A visão de mundo e de homem de Viktor Frankl confirmaram encontros e caminhos artístico-terapêuticos que intuitivamente já estávamos trilhando há muito em nossas próprias vidas e com os portadores de transtornos mentais. Acreditamos que Frankl tenha aberto um caminho negado ou pouco explorado e trabalhado, até então, por muitas das abordagens médicas e das diversas correntes da psicologia moderna atual. Resgatou para a saúde e para a psicoterapia dimensões próprias do homem e fundamentais para seu processo vital, como a liberdade incondicional, sua dimensão noética de valores, a busca pelo sentido da vida como o impulso mais importante presente no ser humano e a urgência em saúde mental de se estimular e fortalecer no indivíduo a responsabilidade, entendida por Frankl (2003) como a capacidade que o homem possui de dar respostas concretas e conscientes às situações que a vida lhe coloca. Responsabilidade, aliás, que Viktor Frankl considera como experiência única e própria da humanidade.

Após esse mergulho de 1 ano e 6 meses no CAPS, decidimos realizar a pesquisa na própria instituição, implantando um trabalho de campo de duração de 4 meses com 16 encontros de 2 horas cada com um grupo de 10 pacientes portadores de transtornos mentais graves. O trabalho de campo estaria dividido em duas etapas: a) na primeira etapa, realizaríamos entrevistas individuais iniciais: na primeira parte da entrevista iríamos fazer um levantamento sobre os valores e sentidos atribuídos pelos portadores à vida e na segunda parte um levantamento de sua identidade sonoromusical; b) na segunda etapa, implantaríamos o processo musicoterapêutico centrado nas vivências do canto e das danças circulares. O processo teria a participação de duas musicoterapeutas, sendo uma participante (violão/teclado) e a outra observadora (registro dos depoimentos e de elementos não-verbais dos participantes no diário de campo). Em relação ao processo musicoterapêutico, este estaria dividido em 4 ciclos terapêuticos de 4 encontros. Cada ciclo terapêutico seria estimulado com o trabalho de canções e de movimentos em roda com temáticas relativas ao caminho noético dos valores proposto por Viktor Frankl e respeitando a identidade e o processo noéticosonoro-musical do grupo.

Desde a segunda metade do século XX, temos observado transformações profundas em diversos níveis do processo histórico da humanidade. Mudanças na economia, na política, na ciência e na sociedade parecem indicar, para muitos estudiosos, o nascimento de uma cultura emergente e o surgimento de novos paradigmas, novos modelos para interpretar e construir o mundo. A perspectiva antropológica nos ensina que nossas visões de mundo, modelos e saberes são todos construídos historicamente, produto do coletivo, das possibilidades e necessidades históricas de cada época. Partindo desse olhar sobre o homem e a produção de seu conhecimento, podemos afirmar que a ciência moderna e o modelo de saúde dominante também fazem parte dessa construção social e não estão livres das influências, das problemáticas e da historicidade de seus saberes e produções. Esses dados, a nosso ver, não tiram o grande valor da ciência e da medicina, ao contrário, ampliam suas possibilidades, na medida em que tornam o espaço científico verdadeiramente plural e dialético, única possibilidade para a fertilidade do propósito maior da ciência e dos saberes científicos

As questões levantadas no passado pela ciência tradicional, baseada no modelo newtoniano-cartesiano, estavam corretas na medida em que respondiam questões de sua época. Acreditamos que esse paradigma continua a ter grande valor para muitos níveis da realidade e da vida humana. Mas nossa época nos colocou novos problemas, revelando esferas até então desconhecidas ou não contempladas pela ciência tradicional e pelo modelo biomédico, ainda presos em uma visão mecanicista e materialista do homem e da vida. O problema reside justamente em não perceber que o homem possui outras instâncias em seu ser e que sua dimensão noética necessita de cuidados e atenção tão urgentes para sua saúde quanto o corpo necessita das intervenções farmacológicas feitas pelo modelo biomédico. No que diz respeito à sua

dimensão noética, o modelo biomédico organicista não aponta caminhos e soluções. Trata-se aqui de valorizar e resgatar o que é próprio do homem, e não de descartar as conquistas já realizadas até então. A abordagem frankliana vem ao encontro dessa necessidade atual.

Uma das questões que nos colocamos a respeito das consequências da visão de mundo e de homem de Viktor Frankl para Saúde Mental é: estamos realmente abertos e disponíveis como profissionais de saúde a romper com a tendência de coisificar o outro e de olhar apenas para sua patologia? Estamos dispostos a permitir a vivência de um encontro verdadeiramente humano e real? A estrutura atual da formação do profissional de saúde mental (psiquiatra, enfermeiro, psicólogo, musicoterapeuta etc) permite e desenvolve esse tipo de aprofundamento pessoal e sensibilidade no cuidado com o outro? A Reforma Psiquiátrica e o movimento antimanicomial, sem dúvida alguma, representam importantes avanços e mudanças no caminho da saúde mental, mas, devemos ter muita humildade e honestidade em perceber que os muros mais rígidos e difíceis de serem quebrados (da loucura e do sofrimento psíquico humano) encontram raízes nas próprias visões de mundo e de homem que nossa sociedade alimenta: uma visão e vivência profundamente materialista, que coisifica o homem a todo o momento, retirando qualquer possibilidade de acesso ao sentido da vida e a uma vivência de saúde existencialmente mais plena. Se a dimensão noética só pode ser acessada no verdadeiro encontro genuíno e humano, qual o papel que a música e o movimento teriam nesse cuidar existencial, na relação humana como foco de saúde? A linguagem musical e corporal seriam privilegiadas na abertura desse caminho?

A revisão de valores que Frankl nos convida a realizar nos leva a pensar que a grande problemática na compreensão, vivência e promoção daquilo que entendemos vagamente por saúde mental reside, em parte, no fato de reproduzirmos, ainda que

inconscientemente, as contradições e os conflitos de nossa época nesse encontro e cuidado com o outro. Enquanto profissionais, ainda reproduzimos o desencontro, pois, nossa época histórica, caracteriza-se, em especial, pelo isolamento e desencontros humanos. A questão dos valores em saúde mental e a nossa relação com o outro, passa, inevitavelmente, por questões e problemáticas de ordem existencial que enfrentamos todos no momento presente.

Frankl acredita que é na dimensão dos valores, da partilha e do encontro real que o homem responde verdadeiramente à vida, afirmando seu propósito e descobrindo as experiências e valores que fazem com que ele possa viver mais profundamente sua humanidade e autenticidade existencial. A contemplação da dimensão noética no homem e a realização do sentido de vida por meio dos valores, como caminho para a saúde mental, exigem, entretanto, uma profunda reflexão dos profissionais de saúde sobre a história da ciência e a crise de paradigmas que enfrentamos no momento presente em todas as áreas do conhecimento. O encontro e aprendizado com a dimensão noética no homem é uma exigência de nosso tempo presente. Um tempo que presenciou um avanço extraordinário do conhecimento científico e da tecnologia, mas que não conseguiu responder as questões mais essenciais e vitais da vida humana. Tempo histórico, aliás, que assiste ao avanço cada vez mais acelerado de um modo de ser em nossa cultura que se caracteriza pela destruição e que procura limitar e mesmo desacreditar todas as formas e possibilidades de um pensar livre e ancorado em valores humanos.

Há alguns anos, o conceito de saúde mental vem adquirindo cada vez mais enfoque e força multidisciplinar e multiprofissional, substituindo, aos poucos, os conceitos tradicionais ligados ao trabalho exclusivo do psiquiatra e centrados apenas na doença mental e nos processos patológicos como caminho para o conhecimento e a

intervenção. Essas transformações nos paradigmas de atenção em saúde mental e os questionamentos e críticas em relação aos modelos de tratamento e assistência terapêutica da psiquiatria têm seu início no mundo pós-guerra com os movimentos reformistas da psiquiatria, como a psicoterapia institucional (na França), as comunidades terapêuticas (na Inglaterra e nos EUA), a psiquiatria de setor (na França), a psiquiatria comunitária (EUA), a antipsiquiatria (Inglaterra) e as propostas e experiências da psiquiatria democrática de Basaglia, na Itália. Segundo Kantorski (2004),

Nas duas últimas décadas, o movimento de reforma psiquiátrica no Brasil tem sofrido forte influência do movimento da psiquiatria democrática italiana. A incorporação progressiva dos princípios da reforma psiquiátrica é materializada no contexto brasileiro nas portarias do Ministério da Saúde 189/1991 224/1992 e na criação dos novos serviços. As portarias 189 e 224 passaram a remunerar novos procedimentos como consulta individual e em grupo por profissionais como enfermeiros, psicólogos e assistentes sociais; atendimento em oficinas terapêuticas, centros de atenção psicossocial, hospital-dia, urgência e internação em hospital geral; regulamentaram e definiram padrões mínimos para o funcionamento dos serviços de saúde mental com vistas à construção de uma rede diversificada de assistência (p. 21).

Essa mudança de paradigma e perspectiva nas ciências e medicina possibilitou a dilatação e ampliação de muitas atividades antes consideradas apenas psiquiátricas. Nas palavras de Ribeiro (1996),

O hospício, o asilo, a "loucura", deixam de ser vistos como o ponto central do atendimento psiquiátrico, e cedem lugar à ação de "novos profissionais", novos conceitos e novas formas de tratamento e prevenção. Na medida em que a interdisciplinaridade ganha força nas ciências e campos profissionais em geral, e na medicina, em particular, e novos conceitos são incorporados, como o de normalidade, que ocupa o espaço antes preenchido pela enfermidade, os profissionais que tinham antes um modelo curativo passam a ter acesso a um novo movimento que prioriza a saúde ao invés da doença, a prevenção antes da cura e a atuação conjunta multiprofissional no lugar da ação isolada e preceptoral do psiquiatra (p. 16).

É, portanto, nesse contexto dos princípios da reforma psiquiátrica brasileira, que gostaríamos de refletir, mesmo que brevemente, sobre o surgimento e a importância da musicoterapia na área da saúde, em especial para o desenvolvimento da saúde mental.

A musicoterapia surge no contexto de investigação científica a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) nos EUA com o objetivo de trabalhar a reabilitação do elevado número de soldados feridos de guerra. O primeiro plano de estudos que teve por objetivo investigar os efeitos clínicos e terapêuticos do som e da música foi elaborado em 1944 em Michigan (EUA). A partir dessas primeiras experiências e dados médicos obtidos com o trabalho, foram se desenvolvendo, desde 1944, diversos planos de estudo e esquemas de organização e investigação na área. Equipes formadas por músicos, médicos, psicólogos e pedagogos contribuíram inicialmente para a fundamentação e sistematização da musicoterapia quanto aos seus procedimentos de trabalho e métodos de atuação. Atualmente a musicoterapia já possui um corpo teórico e metodológico próprio e este continua a se desenvolver através da clínica e pesquisa musicoterápica. Associações nacionais e internacionais para a terapia musical foram criadas desde 1950 nos EUA, América Latina e Europa, e os primeiros cursos de graduação e pós-graduação na área se desenvolveram de acordo com a linha de abordagem musical e psicoterápica adotada pelos precursores no país. Os primeiros cursos de graduação e pós-graduação, no Brasil, foram fundados em 1971, no Paraná e Rio de Janeiro.

A musicoterapia é uma carreira de nível superior, reconhecida pelo Conselho Federal de Educação desde 1978 e conta com o apoio e reconhecimento da Organização Mundial de Saúde (OMS). O projeto de regulamentação da profissão

encontra-se, atualmente, em tramitação no Congresso Nacional. Segundo Bruscia (2000),

> Musicoterapia é a utilização da música e/ou dos elementos musicais (som, ritmo, melodia e harmonia) pelo musicoterapeuta e pelo cliente ou grupo, em um processo estruturado para facilitar e promover a comunicação, o relacionamento, a aprendizagem, a mobilização, a expressão e a organização (física, emocional, mental, social e cognitiva) para desenvolver potenciais e desenvolver ou recuperar funções do indivíduo de forma que ele alcançar melhor integração intra e interpessoal consequentemente uma melhor qualidade de vida (p. 53).

As escolas ou caminhos da musicoterapia atual podem ser divididos tendo como base dois referenciais: música e teoria psicoterapêutica. Em relação ao referencial da música, os paradigmas musicoterapêuticos estão divididos em músico-centramento e não músico-centramento. **Ouanto** às teorias psicoterapêuticas, linhas as musicoterapêuticas dividem-se em médico-organicista, psicodinâmicas, behavioristas, humanistas, teorias corporais e de movimento e teorias de psicologia social e comunitária entre outras. Essas divisões são importantes para mostrar que embora todos os musicoterapeutas estejam unidos pelo valor clínico que depositam na experiência sonoro-musical, as diferentes áreas de atuação, enfermidades e níveis da dimensão do ser que procuram cuidar, acabam por revelar a pluralidade das possibilidades.

Cabe aqui então um posicionamento filosófico e clínico da atuação e intervenção terapêutica da pesquisadora em seus trabalhos de musicoterapia. A pesquisadora adota em seu trabalho clínico, do ponto de vista musical, uma abordagem não músico-centrada, e do ponto de vista psicoterapêutico, uma leitura existencialhumanista referenciada em Viktor Frankl e Martin Buber, importante filósofo que influenciou a vida e o pensamento de Frankl com sua obra "EU e TU". É importante também ressaltar que o trabalho da pesquisadora, do ponto de vista da utilização dos

métodos e técnicas sonoras e artísticas, tem uma aproximação e influência muito grande das linhas corporais e de movimento em psicoterapia e arte-educação. O movimento das danças circulares do qual a pesquisadora faz parte representa para esta pesquisa o principal canal de comunicação noética associado ao trabalho dos cantos. Escolhemos trabalhar as danças circulares em parceria com o canto por elas representarem um importante resgate de movimentos e tradições que vincularam som e movimento ao caminho dos valores. São danças étnicas que resistiram ao tempo graças a sua força espiritual e sentidos noéticos vinculados. Daí sua grande relevância para um processo musicoterapêutico centrado na proposta e nos valores de Frankl.

As questões existenciais que nós colocamos ao longo deste estudo e que influenciam, de um ponto de vista histórico, a compreensão e a intervenção em relação ao processo saúde-doença são as seguintes: em que medida o modo de viver e os valores de nossa cultura ocidental moderna favorecem o isolamento, o vazio e a falta de sentido na vida, expressa por muitos nos dias de hoje? Em que medida o resgate dos cantos e danças de roda dos povos, em especial os da nossa tradição, poderiam contribuir para a vivência dos valores humanos como promoção da saúde mental? Quais os valores e sentidos noéticos mais urgentes entre os portadores de transtornos mentais na busca de uma vida existencialmente mais plena? Quais valores e sentidos estão associados ao cantar e dançar em roda? Em que medida o canto e as danças circulares abrem canais de comunicação para uma autêntica partilha noética?

Compreender os valores noéticos e a produção de sentidos para a existência em portadores de transtornos mentais, a partir da vivência dos cantos e danças circulares, tendo por referência a análise existencial-humanista de Viktor Frankl e a literatura musicoterápica, fornecendo, assim, novos subsídios para o cuidar em saúde mental.

Contemplar o pensamento de Viktor Frankl e sua contribuição ao entendimento e vivência daquilo que realmente consideramos como dimensão de saúde e de vida no ser humano seria impossível sem uma aproximação e conhecimento prévios de sua história pessoal e das influências científicas e filosóficas que recebeu ao longo de sua formação e prática médica. Em uma abordagem existencial-humanista e dialética é fundamental compreender em que momento o caminho de um pensador cruza o problema central de sua obra. Sendo assim, a primeira parte de nosso marco teórico tem por objetivo iluminar um pouco a história de Viktor Frankl e trazer ao conhecimento dos profissionais e pesquisadores de saúde mental a vida e obra de um importante médico psiquiatra ainda desconhecido pela maioria.

4.1 VIKTOR FRANKL: VIDA E OBRA

Viktor Frankl (1905-1997) nasceu em Viena em um contexto de grande crescimento e produção para a nascente psicologia moderna. Frankl foi médico psiquiatra e doutor em filosofia, professor de neurologia e psiquiatria na Escola de Medicina da Universidade de Viena, professor de Logoterapia na United States Internacional University, de San Diego, Califórnia, e criador da moderna análise existencial e da 3ª Escola Vienense de Psicoterapia, ou Logoterapia, também conhecida como Psicoterapia através do Sentido da Vida. Frankl foi discípulo de Sigmund Freud, o criador da 1ª Escola de Psicoterapia de Viena, a Psicanálise, e de Alfred Adler, criador da 2ª Escola Vienense de Psicoterapia, a psicologia individual (GOMES, 1992). Ao longo de sua vida, Viktor Frankl foi convidado a fazer conferências e ministrar cursos e formações em Análise Existencial e Logoterapia em diversos países de todos os continentes, inclusive no Brasil, onde esteve em 1984. Recebeu convite de quase duzentas universidades. Foi professor

convidado nas universidades de Harvard, Stanford, San Diego, Southern Methodist University, Viena entre outras. Recebeu doutorados honoris causa da Loyola University (Chicago), Edgediff College, Rockford College, Universidade Católica de Porto Alegre, Universidade Católica de Buenos Aires e Universidade de Mendoza (FRANKL, 2003). Escreveu e publicou cerca de trinta livros e centenas de artigos em colaboração com outros profissionais. Suas obras já foram traduzidas para mais de vinte idiomas, incluindo o chinês e o japonês (GOMES, 1992).

Desde pequeno, Frankl revelava forte inclinação para os estudos de psicologia e para questões relacionadas à Antropologia Filosófica, que segundo Xausa (1986),

> Nesta época a tendência do ensino universitário era marcadamente organicista. Uma ocasião, na aula de história natural, o professor explicava à classe que a vida, inclusive a do homem, era simplesmente um processo de combustão e oxidação. Frankl ao ouvir esta afirmação, para espanto de todos, repentinamente perguntou: "Se é assim, qual é o sentido da vida?". O jovem Frankl recusava-se a aceitar ser a vida reduzida a um mero processo químico-orgânico. A esta insatisfação com o reducionismo organicista seguiram-se outras no campo da psicologia. À pergunta sobre o sentido da vida iniciada na juventude, seguiram-se outras revestidas das mais variadas formas, testadas não só na esfera cultural, mas também no submundo da prisão (p. 26).

Profundamente marcado e influenciado por pensadores e cientistas de orientação filosófica existencial-humanista ao longo de sua formação médica, Frankl, como psiquiatra e neurologista, começa a desenvolver um pensamento autônomo, de forma a contestar a visão mecanicista de mundo e de homem tão presente naquela época. Entre esses pensadores e cientistas citamos Max Scheler (1874-1918), filósofo e sociólogo alemão de grande influência para as bases do existencialismo, da fenomenologia e de uma antropologia filosófica, Nikolai Hartmann (1882-1950), filósofo alemão que trouxe importantes contribuições para a vida e a obra de Frankl em relação ao estudo das diferenças ontológicas no ser humano, Martin Heidegger (1889-1976), Karl Jaspers (1883-

1969), e Martin Buber (1878-1965). Este último, fundamental, ao nosso ver, na compreensão da dimensão noética e do sentido da vida por meio do encontro e do verdadeiro diálogo com o outro. Em sua obra máxima EU-TU, Martin Buber nos convida à prática do genuíno e autêntico encontro com a vida, mostrando a importância do olhar, do respeito à alteridade e do diálogo na compreensão da plenitude existencial do ser humano. A Filosofia do Encontro de Buber tem ressonâncias profundas com a proposta de Frankl de realização do sentido da vida por meio dos valores humanos, vivência esta que só é possível na relação, no mundo, na experiência da partilha solidária e no resgate de sentidos mais amorosos e fraternos. Não menos importante foi sua relação, ainda que breve, com Carl Gustav Jung (1875-1961), criador da Psicologia Analítica, com o qual compartilhou algumas idéias e teorias sobre o *Deus Inconsciente* no homem.

Como podemos perceber, a formação e a leitura existencial-humanista de Viktor Frankl acabaram por promover o inevitável e necessário choque com as posturas e teorias de seus dois grandes mestres na psicologia, primeiro Sigmund Freud e depois Alfred Adler. Destituído como "herético" de ambos os grupos e círculos psicoterapêuticos, Frankl inicia, então, sua própria jornada na psicologia e começa a escrever e publicar artigos trazendo os fundamentos e pilares da moderna análise existencial e da Logoterapia, ou Psicoterapia através do Sentido da Vida. Nas palavras de Gomes (1992):

> Frankl rompe com Freud, por não acreditar que a pessoa humana caminha pelo mundo sob a força dos impulsos, e começa a desenvolver alguns dos pontos mais importantes de sua teoria psicológica, ou seja, que o ser humano é livre e responsável e tem consciência de sua responsabilidade; que é incondicionado, busca um sentido para sua vida e traz dentro de si um Deus inconsciente. Juntou-se a Alfred Adler, sentindo que a proposta de psicologia individual estava mais próxima de sua concepção de homem. Vários anos depois, foi destituído como herético, juntamente com Rudolf Allers e Oswald Schwarz, porque suas idéias incomodavam Adler, o criador da 2ª escola vienense de psicoterapia. Segundo Frankl, a pessoa humana buscava um sentido para a vida, e Adler, apesar de ter até mesmo escrito um livro com o título O Sentido da Vida, na verdade acreditava que o

homem estava pelo mundo em busca de poder e da conquista da superioridade. Esta concepção de homem detona a separação entre Adler e Frankl, que parte agora para uma maior clareza de idéias teóricas e formulação definitiva de sua teoria psicológica. Nasce, pois, a logoterapia, que significa a psicoterapia através do sentido da vida e se afirma principalmente após seu experimento crucial nos campos de concentração (p. 11).

Em 1927, Frankl cria diversos centros de ajuda psicológica para jovens carentes da periferia de Viena. Nessa época, o índice de suicídio entre esses jovens era alarmante, por conta da aproximação da guerra. O trabalho clínico de Frankl com esses jovens, baseado na questão do sentido em psicoterapia, na crença incondicional da liberdade humana e de sua dimensão noética, ou espiritual, tornou-se um sucesso. Em 1931, os jornais publicaram estudos comprovando a erradicação do fenômeno. Frankl começa, então, a ser reconhecido internacionalmente (GOMES, 1992). Em 1930, graduouse em Medicina pela Universidade de Viena, especializando-se e abraçando as áreas de psiquiatria e neurologia. De origem e família judaica, Frankl passa a dirigir, a partir de 1940, o departamento de neurologia do hospital judeu Rothschild, em Viena, dedicando-se exclusivamente a pacientes judeus (GOMES, 1992). Em 1941, Frankl casa-se com Tilly Crosser, em Viena. Nos primeiros anos da guerra, Frankl e sua família tentam um plano de fuga que acaba fracassando. O pai de Frankl procurou convencer o filho a pedir asilo nos EUA, onde poderia continuar seus estudos e trabalhos em Psicologia Clínica. Viktor Frankl vivia, entretanto, um conflito profundo em sua consciência, pois sabia que, logo após sua partida, seus pais iriam ser presos e acabariam em algum campo de concentração. Em 1942, a família Frankl é presa pela Gestapo e cada um levado para campos de concentração diferentes. Frankl viveu como prisioneiro nos campos de Turkhein, Theresieustad, Kaufering e Auschwitz. Assim como milhões de judeus, Viktor Frankl sofreu os horrores dos campos de concentração na 2ª Guerra Mundial. Frankl, sua família e esposa jamais se reencontraram. Sua visão de mundo e de homem ganha força e vigor existencial nos

campos de concentração. Contrariando as expectativas deterministas e reducionistas da visão científica e médica dominantes. Frankl responde a essa experiência com uma obra de esperança e crença incondicional na liberdade e dimensão espiritual humana. Seu primeiro trabalho após a libertação, "Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração" (1994) traz ainda mais fortes as bases e os caminhos de sua psicoterapia centrada no sentido da vida. No dia 27 de abril de 1945, Viktor Frankl foi libertado, aos 40 anos de idade. Frankl plantou inúmeras sementes de esperança e sentido para a vida de milhares de pessoas por onde passou. Manteve uma intensa colaboração com inúmeros pesquisadores de diversas universidades. Ajudou a fundar institutos e organizações especializadas em Logoterapia em diversas partes do mundo. Em 30 de abril de 1984, foi fundada a Sociedade Brasileira de Logoterapia (SOBRAL) por ocasião da primeira visita de Viktor Frankl ao Brasil.

4.2 O CAMINHO NOÉTICO DE VIKTOR FRANKL E A CRISE DO PARADIGMA **DOMINANTE**

Viktor Frankl nunca teve a intenção de substituir nenhuma das escolas de psicoterapia modernas e nem de apontar os caminhos da Logoterapia, ou Psicoterapia através do Sentido da Vida, como absolutos e únicos possíveis nos processos terapêuticos e nos dilemas da humanidade. Frankl não negava as diversas dimensões das neuroses e nem a necessidade de diferentes tratamentos e enfoques para a patologia, mas acreditava que a loucura e as neuroses também tinham uma dimensão histórica e cultural e que o vazio, a solidão e a falta de sentido para a vida, vivenciados por muitos nos dias de hoje, representava, na verdade, uma expressão do meio. Assim, a crítica de Frankl não é ao tratamento farmacológico, pois ele afirma em repetidos momentos de seus trabalhos que

sua abordagem terapêutica não pretende substituir o tratamento convencional, tão necessário em muitos casos, mas incentivar e encorajar uma revisão profunda de valores nos profissionais de saúde no que diz respeito à sua visão de mundo e de homem, trazendo o foco para a dimensão propriamente humana da partilha e dos valores que é, afinal, a dimensão de saúde. Nas palavras de Frankl (1989),

> É característico da época atual só avaliar a alma do homem, só reconhecê-la em sua existência, até o ponto em que se encontre nela algo mensurável e ponderável. Mas, como disse Schiller: "Quando fala a alma, a alma já não fala". E poderíamos dizer, parafraseando-o: quando se testa o homem, já não é o homem, não é sua essência que é captada. Pelo contrário, uma psicologia que culmina em um método de teste apenas projeta o homem de sua dimensão própria na dimensão do mensurável e ponderável. Assim, ele perde de vista o essencial, o verdadeiro no homem, o âmago da sua personalidade. Mas esse algo verdadeiro talvez já não possa ser alcançado por meio da ciência pura ou mesmo das ciências naturais e necessite de uma outra forma de abordagem. Talvez aquilo que o grande médico Paracelsus afirmou possa se dizer também do homem: "Quem não reconhece Deus ama-o muito pouco". Talvez seja necessária aquela abertura interior que só existe em uma entrega amorosa ao "você" inconfundível do outro, se nós quisermos captar a sua essência. Amar significa, em última análise, nada mais do que poder dizer "você" para o outro, compreendê-lo na sua unicidade e singularidade e, certamente, ainda uma coisa além disso: confirmar o seu valor. Portanto não só poder dizer "você" mas também poder dizer "sim"a ele. E assim podemos ver mais uma vez que não é nem um pouco correto falar que o amor torna a pessoa cega; pelo contrário, o amor faz a pessoa enxergar plenamente, ele a torna francamente vidente, pois o valor que ele torna visível e faz brilhar no outro não é ainda uma realidade e sim uma simples possibilidade, algo que ainda não existe, mas que ainda virá a existir, pode vir a existir e deve vir a existir. O amor tem uma função cognitiva, isto é, uma função de conhecimento. Mas também a psicoterapia tem de enxergar valores; ela nunca pode ser totalmente isenta de valores, mas no máximo cega para os valores (p. 235).

Enquanto espécie humana, estamos amarrados nas teias da biologia e das construções culturais e, paradoxalmente, destinados à liberdade e à responsabilidade. Segundo Frankl (2003), todo indivíduo tem uma dimensão que nenhuma doença poderia jamais atingir. Considerou que o ser humano, na realidade, é um ser bio-psico-sócioespiritual. Embora nas três primeiras instâncias de seu ser o homem seja condicionado, na dimensão noética ou espiritual, entretanto, Frankl afirma que o homem pode e deve acessar a experiência da liberdade, do sentido único de sua vida. Sentido este que é capaz de fazer a diferença entre viver e morrer. A dimensão noética que Frankl nos fala, nouz, do grego, espiritual, não tem relação alguma com as religiões, mas com a profunda vivência humana dos valores e do encontro real e genuíno EU-TU no sentido buberiano. A dimensão noética, o caminho dos valores, portanto, só pode acontecer na relação genuína e verdadeira, na abertura ao outro, no respeito à alteridade, no real encontro EU-TU, e não na relação EU-ISSO, de domínio e manipulação da plenitude ontológica que muitas vezes estabelecemos com o outro. Nas palavras da filósofa Lara Sayão (2002),

Na obra de Martin Buber encontraremos a percepção do outro como fundante do Eu. Para Buber, o outro me molda, me forma. A relação me toca profundamente, fundando minha identidade. Os fatos, as coisas e as pessoas nos invadem num choque gerador de atitude e de identidade, ainda que de maneira discreta e sutil. No panorama da alteridade, conhecer e afirmar o outro não é a questão única. É preciso reconhecê-lo de alguma maneira e isso implica um conceito: como compreendemos e tratamos o outro? As relações humanas estão fadadas ao conflito, para Sartre, pois ao relacionarmo-nos objetivamos o outro. Aproximamo-nos nas relações por diversos motivos, sempre idealizando o outro e justamente por este motivo é gerado o conflito: o outro não é um objeto, está sujeito a mudanças, e ao mudar, deixa de ser o que o eu idealizou. Ao considerarmos o outro de modo utilitário, agimos ilegítima e imoralmente desrespeitando a dignidade ontológica do outro. O outro não é mais uma coisa entre outras tantas da natureza. Ele não está inerte diante de nós. O outro não se esgota diante de mim, e ainda que eu o considere um objeto de estudo. como no caso da medicina, haverá sempre algo a ser revelado em sua plenitude existencial (p. 21).

Assim, dimensão noética é experiência única e de liberdade que cada indivíduo carrega e que o torna capaz de se nutrir e fortalecer com o sentido e valor existencial de sua vida. Sentido este apenas revelado no encontro, na aceitação do outro como outro, sem dominação ou verdades, nas relações e vivências dos valores humanos profundos.

Em Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pósmoderna, Santos (1988) discute as condições sociais e científicas que contribuíram para a crise e o questionamento dos valores do paradigma dominante e o surgimento de novos valores e saberes no paradigma emergente da ciência. Inicia sua reflexão convidando-nos a retomar algumas perguntas e questões simples feitas por Rousseau no século XVIII, mas bastante atuais e relevantes para enfrentarmos melhor esse período de transição histórica e do conhecimento.

> Tal como noutros períodos transição, difíceis de entender e de percorrer, é necessário voltar às coisas simples, à capacidade de formular perguntas simples, perguntas que, como Einstein costumava dizer, só uma criança pode fazer mas que, depois de feitas, são capazes de trazer uma luz nova à nossa perplexidade. Tenho comigo uma criança que há precisamente duzentos e trinta e oito anos fez algumas perguntas simples sobre as ciências e os cientistas. Fê-las no início de um ciclo de produção científica que muitos de nós julgam estar agora a chegar ao fim. Essa criança é Jean-Jacques Rousseau. No seu célebre Discours sur les sciences et les arts (1750) Rousseau formula várias questões enquanto responde à que, também razoavelmente infantil, lhe fora posta pela Academia de Dijon. (...) Para lhe dar resposta -do modo eloquente que lhe mereceu o primeiro prêmio e algumas inimizades -Rousseau fez as seguintes perguntas não menos elementares: há alguma relação entre a ciência e a virtude? Há alguma razão de peso para substituirmos o conhecimento vulgar que temos da natureza e da vida e que partilhamos com os homens e mulheres de nossa sociedade pelo conhecimento científico produzido por poucos e inacessível à maioria? Contribuirá a ciência para diminuir o fosso crescente na nossa sociedade entre o que se é e o que se aparenta ser, o saber dizer e o saber fazer, entre a teoria e a prática? Perguntas simples a que Rousseau responde, de modo igualmente simples, com um redondo não (p. 47).

Santos (1988) nos mostra que a ambigüidade e a complexidade do tempo científico presente tem relação com o próprio avanço da ciência e com as contradições do próprio conhecimento científico e de uma sociedade que, apesar do elevado grau de domínio tecnológico e informação, não consegue dar respostas às questões mais essenciais e urgentes da humanidade, a saber, a felicidade e a possibilidade de uma partilha e vivência mais solidária e dialógica no mundo. Estas questões culturais são extremamente relevantes, na visão de Frankl (2003), para compreendermos a causa profunda de muitas formas de sofrimento psíquico e isolamento humano nos dias de hoje.

Daí finalmente a urgência de dar resposta a perguntas simples, elementares, inteligíveis. Uma pergunta elementar é uma pergunta que atinge o magma mais profundo da nossa perplexidade individual e coletiva com a transparência técnica de uma fisga. Foram assim as perguntas de Rousseau; terão de ser assim as nossas. Mais do que isso, duzentos e tal anos depois, as nossas perguntas continuam a ser as de Rousseau. Estamos de novo regressados à necessidade de perguntar pelas relações entre a ciência e a virtude, pelo valor do conhecimento dito ordinário ou vulgar que nós, sujeitos individuais ou coletivos, criamos e usamos para dar sentido às nossas práticas e que a ciência teima em considerar irrelevante, ilusório e falso; e temos finalmente de perguntar pelo papel de todo o conhecimento científico acumulado no enriquecimento ou no empobrecimento prático das nossas vidas, ou seja, pelo contributo positivo ou negativo da ciência para a nossa felicidade (SANTOS, 1988, p. 47).

Nas mesmas linhas e problemáticas levantadas por Santos (1988), em nossa trajetória pessoal e profissional, compartilhamos das buscas e questionamentos do professor e pesquisador Carlos Rodrigues Brandão, em seu belíssimo trabalho *Aprender o amor sobre um afeto que se aprende a viver*, no qual discute a produção do conhecimento acadêmico e a necessidade de novos saberes para nossas sociabilidades e nossa condição humana. Acreditamos que as mudanças na formação e na produção de saberes dos profissionais de saúde mental sejam fundamentais na compreensão do caminho noético. Segundo Brandão (2005, p.25), o que a educação e a ciência necessitam nesses novos tempos, é justamente a restauração de sentidos profundamente curativos e perdidos ao longo de nosso processo histórico: "amor, emoção, solidariedade, simplicidade, partilha, reciprocidade, generosidade, gratuidade, co-responsabilidade, presença, participação, cooperação, colaboração, comunicação, diálogo". Brandão fala da necessidade de cenários pedagógicos livres e construídos a partir da vivência e partilha de tais valores como reais contextos de educação e produção de saberes que possam responder às questões mais

relevantes e difíceis que a humanidade enfrenta no presente momento (BRANDÃO, 2005). Assim, pensar e partilhar a experiência e promoção da saúde mental em uma dimensão noética, ou seja, verdadeiramente humana e livre, repleta de sentidos e plenitudes existenciais, em um autêntico e genuíno encontro com o outro, na aceitação da alteridade e das descobertas de um saber partilhado e construído na solidariedade, é um desafio para nós, profissionais de saúde mental, no século XXI. E esse desafio deverá ser enfrentado e confirmado primeiro na saúde e no sentido de vida de cada profissional. A partir dessa ampliação de mundo e de homem do próprio cuidador, o desafio deverá ser enfrentado na aventura de ir ao encontro de outro ser, pleno e infinito de possibilidades, e que irá revelar, na beleza da partilha, o próprio caminho do que chamamos saúde e que, infelizmente, tão distante e difícil parece para quem vive a dura e triste realidade dos centros de reabilitação e instituições psiquiátricas.

Se a dimensão noética, ou seja, a partilha de valores, não começar em nossas próprias vidas, pouco poderemos ajudar no sofrimento e isolamento desse outro, pois nós mesmos, como profissionais, estamos reproduzindo o isolamento e a falta de plenitude existencial e de trocas tão presentes na pós-modernidade. As questões de saúde mental são questões acima de tudo históricas e que pedem uma revisão profunda dos nossos valores culturais. Gostaríamos de encerrar essa segunda parte do capítulo, com uma mensagem de Frankl a respeito do método psiquiátrico: "Se quisermos lançar uma ponte de homem a homem – e isso se aplica também a uma ponte de conhecimento e entendimento -, então as cabeças da ponte não devem ser as cabeças e sim os corações. (...) Assim, minha convicção de que o sentimento pode ser muito mais sensível do que o intelecto sagaz aplica-se também ao método psiquiátrico-diagnóstico (FRANKL, 1982, p. 235).

Como então Viktor Frankl vislumbra a possibilidade de realização do sentido de vida (dimensão própria da saúde) no caminho noético? Em termos práticos, quais caminhos e vivências deveríamos encorajar, partilhar e promover nos centros de reabilitação em saúde mental? Para Frankl, o homem pode descobrir e realizar o sentido da vida por meio de três caminhos noéticos ou níveis de experiência humana fundamentais. E esses níveis, sobretudo, deveriam ser o foco de nossa atenção nos centros de reabilitação e nas práticas clínicas e psicoterapêuticas de cada profissional. No primeiro caminho noético ou nível de experiência humana, que Frankl denominou de "Valores de Criação", o homem realiza o sentido da vida ao perceber e vivenciar que "é capaz de dar algo ao mundo", que é um ser único e insubstituível naquilo que tem a oferecer. Nas palavras de Xausa (1986),

Os valores de criação incluem todas as nossas criações intelectuais, artísticas, de trabalho e realização profissional, que manifestam necessidades humanas fundamentais. Uma inadequada visão ou realização destes valores frustram o homem e desviam o sentido da vida. Assim, o ócio e o ativismo, a desvalorização e a desumanização do trabalho, nas mais diversas formas de funcionalização ou alienação; a impossibilidade de realização do trabalho ou a frustração das potencialidades criativas poderão levar o homem à despersonalização, à robotização, a produzir o *taedium vitae* ou a revolta (p. 162).

Seria importante ampliar, neste momento, a discussão e reflexão sobre a descoberta e realização desse primeiro caminho noético proposto por Frankl. Além das experiências de criações intelectuais, artísticas, de trabalho e realização profissional, consideramos fundamental nesse processo, também, o reconhecimento por parte do indivíduo de seu próprio valor diante da vida, da beleza da singularidade de cada um e das qualidades e

virtudes que cada ser tem a oferecer ao seu próximo e ao próprio planeta. Este reconhecimento e valorização do humano pelo humano representam, a nosso ver, a base, a semente a partir da qual o indivíduo poderá futuramente criar e oferecer nos planos intelectuais, artísticos, de trabalho e de realização profissional, algo de único, do íntimo de seu ser, para o mundo. No segundo caminho noético ou nível de experiência humana, denominado por Frankl de "Valores de Experiência", o homem descobre que pode receber algo de maravilhoso do mundo, que segundo Xausa (1986),

Os valores de experiência são valores que se manifestam na gratuidade dos atos de receber. As riquezas incomensuráveis da natureza que captamos na contemplação, todas as riquezas da cultura, desde as expressões de arte mais primitivas e variadas até aquelas que os artistas eternizaram em cores, formas e sons. As experiências místicas, vistas como as mais altas do homem numa perspectiva interpessoal e intrapessoal do amor divino. As experiências comunicadas no amor humano, que transcendem o sexual e o erótico rumo a uma comunicação em plenitude (p. 162).

E, finalmente, no terceiro caminho noético ou nível de experiência humana, denominado por Frankl de "Valores de Atitude", o homem descobre que, diante de circunstâncias nas quais suas dimensões biológica, psicológica ou sociológica estejam limitadas, e nada possa ser feito para a realização dos valores anteriores, resta-lhe então um posicionamento de atitude, um novo olhar, uma resignificação da experiência.

Os valores de atitude são aqueles que surgem quando fatos irreparáveis e irreversíveis acontecem acima da capacidade humana de superá-los. Estes valores se referem à condição humana frente às situações limites. Frankl, usando os termos da antropologia de Jaspers, fala na realização dos valores de atitude diante da tríade trágica da dor, da culpa e da morte. Considera específico do homem saber sofrer, assumir a culpa e considerar a transitoriedade e a finitude da vida (XAUSA, 1986, p. 163).

4.4 O CAMINHO NOÉTICO DOS VALORES E A REALIZAÇÃO DO SENTIDO DA VIDA POR MEIO DE CANTOS E DANÇAS CIRCULARES

Música e movimento sempre estiveram intimamente ligados ao longo de toda a história. A experiência sonoro-musical surge com o movimento, não podendo existir compreensão plena do significado e das possibilidades da música sem entendermos que em suas origens mais profundas ela nasce a partir da voz, da percussão corporal e do movimento. Nos primórdios da humanidade não havia a percepção fragmentada das artes que temos hoje. Formas, sons, cores e movimentos se misturavam num único e grande diálogo entre o homem, a natureza e o universo.

Em seu artigo *Som e música – Questões de uma antropologia sonora*, Tiago de Oliveira Pinto (2001), estudioso de etnomusicologia, levanta algumas questões para a compreensão do sentido da música em suas origens.

Na realidade, música raras vezes apenas é uma organização sonora no decorrer de limitado espaço de tempo. É som e movimento num sentido lato (seja este ligado à produção musical ou então à dança) e está quase sempre em estreita conexão com outras formas de cultura expressiva. Considerar este contexto amplo, quando se fala em música, é estar adotando um enfoque antropológico. A inserção da música nas várias atividades sociais e os significados múltiplos que decorrem desta interação constituem importante plano de análise na antropologia da música. A relação entre som, imagem e movimento é enfocada de forma primordial neste tipo de pesquisa (PINTO, 2001, p. 2).

Se for verdade que a construção da cultura humana em oposição à natureza instintiva é o que caracteriza a nossa espécie, é importante lembrar que esse "universo", criado à parte, foi construído e transmitido coletivamente quando a roda ainda fazia parte do sentido de comunhão e cooperação dos povos. A realidade primordial do círculo e a experiência da criação coletiva e da solidariedade surgem como movimentos necessários de cooperação e libertação frente a uma natureza na qual apenas os mais fortes sobreviviam. Em roda, junto ao fogo ou partilhando e recebendo oralmente suas mais valiosas ferramentas de sobrevivência, a cultura humana e a capacidade inventiva, ligadas incondicionalmente à possibilidade de uma dimensão de liberdade no homem, foram fundamentais no enraizamento e fortalecimento dos valores e ensinamentos para o próprio sentido da vida, e de ser e viver em grupo. Acreditamos e compartilhamos com a experiência de muitos focalizadores que os cantos e as danças de roda dos povos das mais diversas culturas e épocas serviram a esse propósito na formação psíquica e cultural da humanidade. Segundo a pesquisadora e focalizadora de danças circulares Goberstein (2000), "música, dança, história pessoal e coletiva se unem, e o homem compartilha sua jornada, numa linguagem corporal grupal e artística" (p. 43).

Os cantos e as danças de roda, portanto, sempre tiveram um papel importantíssimo na organização interna do homem, bem como nas vivências profundas dos

valores humanos, fundamentais, na visão de Frankl, para o encontro existencial ou do sentido da vida. Dançar e cantar em círculo são uma das mais belas e profundas experiências que a humanidade já experimentou ao longo de toda sua história. Experiência de enraizamento e de união, a roda possui um mistério que não pode ser explicado e nem acessado intelectualmente. Nas palavras de Goberstein (2000):

> O espaço-tempo criado na roda da dança nos inspira a vivenciar uma metáfora da vida. Nele podemos encontrar representados o indivíduo e a sociedade, bem como o passado, o presente e o futuro. Inspirados na sabedoria de diferentes povos, dançamos as polaridades feminino e masculino, receptivo e ativo, corpo e alma, céu e terra, vida e morte, num exercício de integração e abertura para a unidade dentro de nós. A busca por completude, por estar inteiro, em paz consigo mesmo, com o próximo e com o grupo, pode ser experienciada de forma artística, lúdica ou meditativa, através do corpo, na vivência grupal (p. 41).

A roda nos ensina, portanto, que o canto e a dança surgem do diálogo do homem com o próprio universo e que precisamos aprender a respeitar essa ordem e esse ritmo também no viver em grupo. Os povos que mantiveram viva essa tradição de cantar e dançar em círculo compreenderam bem essa verdade. No círculo, trabalhamos o equilíbrio entre o indivíduo e o coletivo. Percebemos que não estamos sós, que estamos amparados por todos os lados e reconhecemos nossa igualdade – o centro – ao mesmo tempo em que nos emocionamos com a presenca única e insubstituível de cada um colocado na linha da circunferência.

Estamos cientes de que esse processo de integração corpo e música numa perspectiva antropológica e existencial-humanista não é tarefa fácil. Mas acreditamos nesse mergulho e resgate pelas experiências artístico-terapêuticas que desenvolvemos nos últimos anos, fundamentadas no trabalho de diálogo entre som e movimento, em uma visão cultural e centrada nos ensinamentos de Viktor Frankl. Acreditamos que um novo caminho

e abordagem na musicoterapia na saúde mental possam surgir dessas experiências. Nas palavras de Grimson (GRIMSON apud FREGTMAN, 1989):

Integrar a música à terapia é tarefa árdua porque implica buscar o preterido. A cultura de massas atribui um papel específico à música: o de promover a esquizoidia social. Ela é transformada em agente do isolamento. Aí confluem música e enfermidade. Na solidão do baile isolado. A terapia resgata a história do indivíduo e da sociedade, e busca o caráter social do fazer musical, o seu vínculo solidário, o seu relacionamento com o tribal, o ancestral, o compartilhado. Integrar a música à terapia é integrar o corpo, porque a música é feita, dita, tocada e cantada como manifestação corporal. E é buscar o corpo, os seus gestos, posturas e estilos como engrenagem da história de um indivíduo, isto é, da história de sua família, do seu setor social, da sua cultura. E mergulhar no corpo leva necessariamente à relação do corpo com o corpo do outro, desenvolvendo um plano de encontro. Integrar - o vocábulo parece essencial como vetor de uma direção necessária – é tarefa não apenas do exercício de uma disciplina, de seus praticantes, como também da equipe em que a tarefa e esse praticante se desenvolvem. Estamos então desalienando. Certos de que a busca dessas linguagens, a sua procura por entre todos os fatores que as ocultam, nos aproxima de planos mais totalizadores no conhecimento da pessoa (no caso em questão, a compreensão dos fatores patológicos). Em resumo, amplia o horizonte da nossa estratégia na batalha que leva da loucura à cura. Música como plano de trabalho, corpo como instrumento, terapia como objetivo (p. 17).

Assim, acreditamos que a aproximação da musicoterapia com a Psicoterapia através do Sentido da Vida possa ser feita, em um primeiro momento, tendo por orientação clínica e filosófica as possibilidades dos três caminhos noéticos ou níveis da experiência humana para realização do sentido da vida. Como ferramentas musicais e artísticas para esta trajetória noética dos valores, propomos a experiência dos cantos e danças de roda, selecionados e organizados em um processo terapêutico tendo por referência a identidade sonoro-musical do grupo e as necessidades corporais e de movimento para o fortalecimento, descoberta e vivência desses valores.

Esse caminho de canções e movimentos centrados nos valores e na dimensão noética do ser estará dividido em quatro ciclos terapêuticos ou temáticos, tendo por

referência os quatro grandes temas da Logoterapia, a saber: 1) Esperança no Humano: o homem como um ser que busca sentido e abraça a liberdade, 2) O homem como um ser responsável, que é chamado a responder aos desafíos que a vida lhe coloca, 3) O Encontro Genuíno EU-TU como a realização do mais profundo sentido no homem e, 4) Afirmação da Vida e do Humano apesar de quaisquer circunstâncias. O processo musicoterapêutico que propomos para esse estudo, portanto, se desenvolverá ao longo de dezesseis encontros de duas horas de duração cada. A cada quatro encontros trabalharemos um ciclo terapêutico ou temático da Logoterapia. Para cada ciclo terapêutico ou caminho noético, será escolhida uma canção e uma dança de roda como facilitadores da descoberta e realização dos valores. No próximo capítulo, Metodologia, descreveremos com mais detalhes as etapas ou movimentos de uma sessão musicoterapêutica centrada no caminho noético dos cantos e danças circulares.

5.1 TIPOLOGIA

Entendemos que nosso objeto de investigação está na dimensão dos fenômenos e processos sociais, na dimensão profunda de como os sujeitos significam e interpretam sua própria existência. O pensamento de Viktor Frankl tem relações, influências e conexões profundas com o pensamento e as obras de Max Sheler (1874-1918), Nikolai Hartmann (1882-1950), Martin Heidegger (1889-1976), Karl Jaspers (1883-1969) e Martin Buber (1878-1965). O pensamento frankliano tem aproximações e pontos que coincidem com esses pensadores e, em outros aspectos e dimensões, trilha um caminho único, que culmina na criação da análise existencial e da sua aplicação clínica por meio da Logoterapia ou Psicoterapia através do Sentido da Vida.

Assim, em oposição ao positivismo, adotamos uma abordagem compreensiva para nossa investigação. Acreditamos, portanto, que a abordagem metodológica mais adequada nesta pesquisa seja a pesquisa qualitativa. Segundo Minayo (1994), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares:

Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (p. 22).

A diferença entre os métodos, procedimentos e análise de dados das pesquisas quantitativa e qualitativa reside e justifica-se pela natureza de seus objetos e fenômenos estudados. Enquanto a pesquisa quantitativa caracteriza-se pela busca de uniformidade, regularidade e leis matemáticas nos fenômenos investigados, a pesquisa qualitativa está mais interessada em contemplar os sentidos da existência humana. Nas palavras de Minayo e Sanches (1993),

(...) é no campo da subjetividade e do simbolismo que se afirma a abordagem qualitativa. A compreensão das relações e atividades humanas, com os significados que as animam é radicalmente diferente do agrupamento dos fenômenos, sob conceitos e/ou categorias genéricas dadas pelas observações, e experimentações e pela descoberta de leis que ordenariam o social (p. 244).

É importante lembrar, contudo, que trabalhar com pesquisa qualitativa é extremamente difícil, pois além de ressaltar a identidade entre sujeito e objeto ao longo de toda a investigação, seu campo é "intrínseca e extrinsecamente ideológico". A singularidade dos fenômenos sociais e os perigos reais da pesquisa qualitativa não deveriam, entretanto, criar novas dicotomias no campo da saúde e medicina quanto ao valor de tais procedimentos e formas de saber. Trata-se, antes de tudo, de rever os próprios conceitos de ciência e ampliar a capacidade humana de pensar a si mesma.

Nas palavras de Minayo e Sanches (1993),

(...) a cientificidade tem que ser pensada aqui como uma idéia reguladora de alta abstração, e não como sinônimo de modelos e normas rígidas. Na verdade, o trabalho qualitativo caminha sempre em duas direções: numa, elabora suas teorias, seus métodos, seus princípios e estabelece seus resultados; noutra, inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias e toma direções privilegiadas. Ela compartilha a idéia de "devir" no conceito de cientificidade (p. 245).

Definir uma realidade simbólica e a experiência subjetiva de sujeitos históricos vivos e torná-los campo de investigação com métodos e técnicas próprias é a tarefa que, segundo Minayo e Sanches (1993), os cientistas sociais e profissionais da saúde têm, "ao assumirem as críticas interna e externa exercidas sobre suas investigações" (p. 245).

Assim, os cantos, os movimentos em roda e os sentidos atribuídos pelos sujeitos da pesquisa a essas experiências serão tomados como possibilidades ou não de saúde na dimensão noética. Esses sentidos e a compreensão dos sujeitos sobre o processo artístico-terapêutico dos cantos e danças de roda serão construídos e contemplados a partir do diálogo criativo estabelecido entre os usuários, as suas percepções das vivências musicais e corporais e a compreensão (historicamente localizada) da pesquisadora a partir da análise existencial-humanista de Viktor Frankl.

5.2 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL

O presente estudo foi desenvolvido no Centro de Atenção Psicossocial -(CAPS) Unidade de Saúde Mental, de semi-internação, da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, situada no interior do Estado de São Paulo. A instituição foi escolhida tendo como critérios o grau de abertura da equipe para o trabalho, o enfoque multidisciplinar e multiprofissional dos atendimentos e atividades realizados pelo CAPS, o acesso aos dados e sujeitos da pesquisa e a experiência prévia de um (01) ano e seis (06) meses da pesquisadora nesta Unidade de Saúde Mental com oficinas artístico-terapêuticas centradas nos cantos e danças circulares na promoção de saúde e reabilitação de portadores de transtornos mentais graves.

Esta Unidade de Saúde Mental atende atualmente 265 portadores de transtornos mentais graves em regime de semi-internação. Os principais transtornos atendidos pelo CAPS são as esquizofrenias, os transtornos de humor e os transtornos alimentares.

tratamento dos usuários desta Unidade de Saúde consta de \mathbf{O} acompanhamento individual, grupal (diversas modalidades) e medicamentoso. Além desses acompanhamentos terapêuticos, o usuário participa semanalmente de uma assembléia na qual pode discutir assuntos de interesse geral para a comunidade. Todos

passam por uma avaliação constante pela equipe multiprofissional no que diz respeito à participação e desempenho nas diversas modalidades terapêuticas.

5.3 SUJEITOS

Participaram deste estudo 10 usuários psicóticos e não-psicóticos de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de semi-internação da Secretaria Municipal da Saúde da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto (SP). Os critérios adotados para a seleção dos sujeitos inclusos na pesquisa foram os interesses, a motivação e a indicação terapêutica por parte da equipe multiprofissional deste CAPS. O número total de sujeitos da pesquisa foi decidido a partir das experiências clínicas da pesquisadora com portadores de transtornos mentais e das possibilidades que este número oferece para registrar os depoimentos dos participantes ao longo do processo. O registro e a compreensão do universo subjetivo e existencial do outro pedem, na realidade, o mínimo possível de participantes e um mergulho mais profundo na relação, no encontro e na escuta do sentido.

5.3.1 Formação do Grupo

Cabe aqui registrar e esclarecer a nossa posição e escolha por não formar grupos-controle diferenciados (psicóticos e não-psicóticos). Em primeiro lugar, a experiência clínica prévia da pesquisadora nesta Unidade de Saúde Mental com a mesma oficina, mostrou, como iremos discutir mais adiante, que os próprios usuários romperam a diferenciação clínica e pediram para participar de ambos os grupos, trazendo à roda seu sentido original, isto é, unidade na diversidade, cooperação,

integração e inclusão. A evolução clínica, em especial dos psicóticos, foi melhor do que no período em que o trabalho era realizado em grupos clinicamente diferenciados. Em segundo lugar, embora a divisão clínica seja importante, pois também nos oferece a oportunidade de trabalharmos aspectos e necessidades diferentes dos grupos, a experiência prévia da pesquisadora no CAPS revelou a existência de laços, amizades e redes de sentido e solidariedade, entre os portadores, tão relevantes ou mais para os critérios da formação de grupo. A dança circular, inclusive, como mencionamos em reflexões anteriores, reforça e aprofunda o sentido desses laços e a possibilidade do acesso à dimensão noética por meio da cooperação, valor humano fundamental na vivência e realização do sentido da vida segundo Viktor Frankl.

Em terceiro e último lugar, esses critérios de diferenciação clínica eliminam a possibilidade noética do ser que Frankl tanto assinala como fundamento na Psicoterapia através do Sentido da Vida.

Assim, o grupo formou-se com 7 usuários psicóticos e 3 usuários não psicóticos, tendo como critério o interesse, a motivação e abertura dos mesmos para a oficina.

5.3.2 Musicoterapeuta observador e musicoterapeuta participante

Todas as sessões contaram com dois musicoterapeutas clínicos, além da própria pesquisadora, sendo um observador e outro participante. O registro do musicoterapeuta observador incluía os depoimentos dos usuários e a evolução sonorocorporal dos mesmos ao longo dos 16 encontros. A musicoterapeuta participante atuou como co-terapeuta dando suporte e base musical no violão, percussão (quando necessário) e piano. Os dois musicoterapeutas participaram do processo de síntese dos conteúdos para análise posterior.

5.3.3 Registro noético e sonoro-corporal dos sujeitos ao longo do processo musicoterapêutico

O processo musicoterapêutico do grupo teve a duração de 16 encontros de 2 horas cada. Todo o processo foi registrado por uma musicoterapeuta observadora e posteriormente confrontado em equipe para a síntese dos conteúdos. O registro do musicoterapeuta observador incluiu além dos depoimentos verbais dos sujeitos da pesquisa ao longo dos 16 encontros, o quadro da evolução sonoro-corporal dos mesmos. Esse quadro traz elementos de análise não-verbais para a síntese e análise do processo. Entre esses elementos, específicos da análise de um musicoterapeuta, podemos citar, entre outros: cantos espontâneos ou selecionados pelos participantes ao longo do processo; gritos, ruídos; suas trajetórias rítmicas-corporais na experiência das várias danças em roda; o trabalho vocal nos cantos coletivos; expressões faciais; integração em grupo por meio de dinâmicas criativas.

5.4 PROCEDIMENTOS

5.4.1 Entrevistas iniciais: Dimensão noética e identidade sonoro-musical dos sujeitos

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas em relação à dimensão noética dos participantes, isto é, em relação aos sentidos atribuídos à saúde, à doença, à vida e às experiências do canto e da dança na vida dos portadores antes do início do trabalho de campo. As entrevistas foram aplicadas individualmente com os participantes.

Como nossa aproximação musical e de movimento com o caminho noético proposto por Frankl iria trilhar um processo terapêutico via possibilidade da vivência dos valores humanos como realização do sentido de vida, montamos um roteiro de entrevista que pudesse contemplar um pouco do universo noético de cada portador. O roteiro da entrevista foi montado tendo por base os três caminhos noéticos para a realização do sentido de vida proposto por Frankl, a saber: o caminho ou a via dos valores de criação, o caminho ou a via dos valores de experiência e o caminho ou a via dos valores de atitude. A seguir o roteiro da entrevista noética montada pelos pesquisadores.

Valores de Criação

1ª Parte da Entrevista

- 1) O que é tão importante na sua vida que faz valer a pena viver?
- 2) Qual é a sua melhor qualidade, o que o torna único?
- 3) O que você gostaria de realizar na vida que ainda não realizou?
- 4) O que você espera do futuro?
- 5) O que de melhor você pode oferecer para o mundo?

Como podemos perceber pela qualidade e direção das perguntas, nessa primeira parte da entrevista, nosso objetivo era contemplar, do ponto de vista existencial, como o portador experimentava e enxergava sua própria singularidade no mundo, isto é, aquilo que o tornava único, aquilo, portanto, que tinha a oferecer ao mundo enquanto pessoa. Para Frankl, quando o homem descobre que é capaz de dar algo ao mundo, realiza os valores de criação. Assim, nessa primeira parte da entrevista, desejávamos saber se essa dimensão ou via de realização do sentido da vida estava presente ou não no portador, e caso estivesse, em que aspectos e significados se revelaria. A importância dessa primeira parte da entrevista justifica-se, não apenas em poder registrar ou não tais elementos existenciais para a saúde mental, antes e após a intervenção musicoterapêutica, mas, sobretudo, para nos auxiliar no processo terapêutico do grupo, conhecendo melhor alguma de suas particularidades e qualidades nessa dimensão.

2ª Parte da Entrevista

Valores de Experiência

- 1) Quais são as pessoas mais importantes da sua vida? Por quê?
- 2) Qual é a pessoa que mais se dedica a você atualmente?
- 3) Como você definiria a qualidade das suas relações hoje?
- 4) Como se sente no CAPS? Como você vê o profissional que lhe assiste?
- 5) O que sugere aos profissionais de saúde para melhorar a sua assistência?

Nessa segunda parte da entrevista, nosso objetivo era contemplar o caminho de realização do sentido oposto ao dos valores de criação, pois aqui nos importava não aquilo que o paciente era capaz de dar ao mundo, mas sim, a descoberta de que além de dar, poderia receber algo do mundo também. Nesse caminho, são contempladas todas as experiências que, segundo Frankl, fazem o ser humano se realizar através da confiança e certeza de que alguém no mundo lhe dedica também seu amor e atenção.

3ª Parte da Entrevista

Valores de Atitude

- 1) O que significa a sua doença para você?
- 2) Você acredita que a sua doença lhe trouxe alguma lição de vida, algo de positivo?

- 3) O que você acha que pode fazer para enfrentar melhor a sua doença? Você acredita que tem condições de interferir positivamente no seu tratamento? Como você faz isso?
- 4) Em que você se apega quando está sofrendo ou em desequilíbrio?

Nessa terceira parte da entrevista, nossa contemplação foi direcionada para aquelas situações em que, por força das circunstâncias e limitações de ordem biopsicossocial, o indivíduo está impossibilitado de realizar os valores de criação e experiência, restando-lhe apenas, segundo Frankl, a liberdade de assumir uma atitude diferente diante daquilo que não pode ser alterado. Nesse momento nos encontramos com os valores de atitude.

4ª Parte da Entrevista

Dimensões de Liberdade e Responsabilidade

- 1) Você acredita em destino?
- 2) O que é destino para você?
- 3) Acredita que é capaz de interferir na sua vida e realizar mudanças significativas?

Na quarta parte da entrevista, procuramos vislumbrar como o paciente significa e contempla a possibilidade de liberdade, escolha e responsabilidade diante da vida, entendendo responsabilidade no sentido frankliano, isto é, a capacidade de dar uma resposta, única e pessoal diante das questões e desafios que a vida nos coloca. Como mencionamos anteriormente, o criador da logoterapia defende a idéia de que o ser humano é constituído de quatro dimensões, a biológica, a psicológica, a sociológica e a noética ou espiritual. Nas três primeiras instâncias ou dimensões de seu ser, o homem está condicionado, mas no plano noético, Frankl acredita que o homem está condenado à liberdade e, portanto, à responsabilidade. A dimensão noética ou espiritual que Frankl defende, como já mencionamos anteriormente, não se confunde com religião, pois, para Frankl, é na dimensão noética que o homem realiza seu sentido, por meio dos valores. A

dimensão noética, portanto, é a dimensão da liberdade e do sentido da vida de cada

homem: único e insubstituível.

A entrevista para apreciação do sentido da música e do movimento esteve dividida em duas partes, sendo a primeira parte dedicada à apreciação dos sentidos atribuídos à música, aos cantos e à dança na vida dos portadores, e a segunda parte dedicada às músicas e/ou canções que marcaram a vida do portador, isto é, sua identidade sonoro-musical. A seguir o roteiro da entrevista elaborada pelos pesquisadores.

1^a Parte

Apreciação dos Sentidos Atribuídos à Música à Dança

- 1) Por que se interessou pela oficina? O que mais chamou sua atenção ou motivou você a participar dos encontros?
- 2) Já teve algum contato anterior com alguma forma de dança? Se afirmativo, qual? Como foi? Como se sentia? Lembrava de algo enquanto dançava?
- 3) Em relação às danças de roda, já teve alguma experiência? Se afirmativo, como foi? Como se sentia? Lembrava de algo enquanto dançava?
- 4) No caso de respostas afirmativas em uma das questões 2 e/ou 3. Fale um pouco sobre o sentido da dança em sua vida.

- Você pratica exercícios físicos? Em caso afirmativo, com que frequência? Comente o sentido de trabalhar o corpo para você.
- Quando menciona as palavras cantar, canto ou voz, quais sentimentos vêm para você?
- A experiência do canto, de cantar ou de escutar cantos, traz lembranças, momentos concretos de sua vida? Quais?
- Você costuma cantar ou ouvir música? Se afirmativo, com que frequência? De que forma? Como é? Que sentido tem para você?
- Se afirmativo questão 8. Como se sente em relação a expor sua 9) voz e ser ouvido?
 - 10) De quais cantos e/ou estilos musicais você gosta?
- 11) O que busca ou espera encontrar ao longo dos encontros da oficina "Cantos e Danças de Roda"?

2ª Parte da Entrevista

Apreciando a Identidade Sonoro-Musical do Paciente

Músicas e/ou canções que marcaram a sua vida:

- Infância 1)
- 2) Adolescência
- Outros momentos marcantes (citar quais) 3)
- 4) Atuais

As sessões ocorreram uma vez por semana com 2 horas de duração cada encontro e foram divididas e estruturadas em 8 partes ou momentos diferentes, fundamentados no caminho noético dos valores de Viktor Frankl. Baseados em nossa experiência clínica prévia com o trabalho, o levantamento da identidade e memória sonoro-musical do grupo, e em nosso aprofundamento nas obras de Frankl e Martin Buber, criamos um contorno, um ponto de partida musical e afetivo para promover esse

espaço-tempo da partilha, das trocas existenciais e da vivência dos valores fundamentais

para o ser a partir da voz e do movimento.

<u>1º momento: acolhimento e recepção do grupo</u>

Os usuários eram sempre recebidos pela equipe com canto acompanhado de violão e formação circular.

2º momento: da escuta das necessidades e buscas do grupo

Após o canto de acolhimento, os pacientes tinham um tempo para compartilhar como estavam e se sentiam naquele encontro, e trazer uma questão prática sobre um valor humano que necessitavam aprender e desenvolver naquele dia. Como discutiremos mais adiante, este momento de escuta das necessidades e buscas dos pacientes, a nosso ver representam, do ponto de vista terapêutico, um dos momentos mais significativos do processo. Era justamente a partir dessa escuta dos sentimentos,

entendimentos e buscas do grupo que a equipe realizava as seleções dos cantos, danças circulares e dinâmicas criativas mais adequadas para seu processo terapêutico.

3° momento: despertando os sentidos

Momento dedicado ao trabalho de sensibilização, aquecimento e consciência corporal. Este momento era acompanhado de músicas que faziam parte da memória e identidade sonoro-musical dos portadores. A seleção partia de diferentes campos: entrevistas iniciais, cantos partilhados pelos próprios portadores no decorrer dos encontros e pedidos de músicas que os pacientes faziam ao longo do processo para os encontros seguintes.

4º momento: dinâmica de integração

Este momento, na realidade, pode ser entendido também como um fechamento da etapa anterior. Após a sensibilização e aquecimento corporal, os usuários eram convidados e estimulados a participar de dinâmicas criativas, que tinham por objetivo proporcionar uma melhor integração entre eles, bem como fortalecer vínculos e permitir o aprofundamento das relações interpessoais. Tais dinâmicas incluíam, sobretudo: olhar, contato corporal (aperto de mãos, abraços) e improvisações corporais (dança) de cada um apoiado pelo grupo.

5º momento: dança circular

Na sequência do trabalho de sensibilização corporal e dinâmicas criativas para integração do grupo, os usuários eram convidados a vivenciar uma (01) dança circular, na qual além da coreografía em roda, a pesquisadora também esclarecia a história e os valores envolvidos naquela dança e tradição. A seleção das danças circulares tinha por base a escuta da fala dos portadores ao longo do processo, suas necessidades noéticas (de valores) e a identidade sonoro-musical do grupo naquele dia.

6º momento: o canto coral na dimensão noética

No 6º momento da sessão, o grupo sentava-se novamente nas cadeiras em formação circular e trabalhava um canto popular, selecionado pela pesquisadora, de acordo com os temas surgidos e levantados pelos participantes na 1ª etapa da sessão. Os cantos selecionados também faziam parte do referencial sonoro-musical do grupo e das temáticas do caminho noético proposto por Viktor Frankl.

<u>7º momento: depoimentos, falas e cantos dos portadores</u>

Nesta etapa, o trabalho corporal e vocal era encerrado e os usuários compartilhavam seus sentimentos, percepções e canções de sua história de vida. Era o momento também para a partilha de canções ou músicas da vida de cada participante. O paciente era estimulado tanto a cantar, com o apoio de todos, inclusive das musicoterapeutas, quanto a trazer um CD caso não quisesse cantar ou sua música fosse

8° momento: fechamento do encontro

Nesta última etapa, o grupo encerrava o encontro com um abraço fraterno em roda, deixando apenas uma palavra de registro sobre o que aprendera naquele dia, acompanhado de uma mesma música tema para encerrar. Como veremos adiante, a mesma música na abertura e encerramento tinha por objetivo estruturar e dar contorno afetivo e psíquico aos participantes. A música tema do encerramento fora escolhida a partir da identidade sonoro-musical do grupo e do caminho noético dos valores.

5.6 COMPREENSÃO DOS SENTIDOS PARTILHADOS

Os depoimentos e sentidos partilhados pelos sujeitos ao longo do processo foram analisados com base na análise existencial-humanista de Viktor Frankl, exposta no marco referencial, e nos fundamentos musicoterapêuticos (literatura específica da área para leitura do processo de evolução sonoro-musical do grupo). Outras bases teóricas como a obra EU-TU, de Martin Buber, que exerceu profunda influência no pensamento frankliano, também foram utilizadas, de acordo com a necessidade do estudo.

5.7 APRESENTAÇÃO DOS SENTIDOS NOÉTICOS DOS SUJEITOS

A compreensão dos sentidos dos sujeitos da pesquisa, isto é, a produção de sentidos para a existência partilhada pelos sujeitos da pesquisa, foram apresentados de modo descritivo, utilizando-se, tanto da fala dos próprios sujeitos, na íntegra quando possível ou necessário, quanto de síntese de conteúdos. Os depoimentos e partilhas de sentidos dos sujeitos foram posteriormente discutidos e contemplados em equipe com base na literatura pertinente.

5.8 CUIDADOS ÉTICOS

Foi realizada uma assembléia com todos os usuários do CAPS e equipe multiprofissional após a pesquisa ter sido aprovada tanto pelo Centro de Atenção Psicossocial quanto pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos. Nessa assembléia, a pesquisadora conversou com os usuários sobre a natureza do trabalho que seria oferecido, esclarecendo dúvidas e medos dos participantes em relação aos cantos e danças circulares. Entre as principais dúvidas dos usuários estavam questões relacionadas à obrigatoriedade de dançar e cantar. Foi explicado que o grupo iria trabalhar com essa abordagem, mas ninguém seria obrigado a expor sua voz, ou continuar dançando, ou continuar no grupo caso não se sentisse à vontade. Foi explicado também tratar-se de um grupo com duração de 4 meses apenas e que, dentro de todos os cuidados éticos em saúde envolvendo seres humanos, como o sigilo do nome dos participantes, o resultado desse trabalho com o grupo seria publicado em forma de pesquisa. Foi colocado que por conta da natureza da pesquisa esse grupo teria um número limitado de participantes (10). A pesquisadora pediu aos interessados para

conversar com a equipe multiprofissional do CAPS e agendar uma entrevista com a mesma. Aqueles que se inscreveram e participaram do grupo assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e passaram individualmente pelas entrevistas iniciais.

O projeto da presente pesquisa foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (Anexo A), os sujeitos participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) e os dados clínicos de cada participante foi cadastrado para o início dos trabalhos (Apêndice B).

A ordem de apresentação das reflexões e sentidos apreciados ao longo do processo do grupo será a seguinte: 1) sentidos e discussões quanto às entrevistas iniciais individuais relacionadas à dimensão noética e identidade sonoro-musical dos sujeitos da pesquisa; 2) sentidos e discussões quanto aos valores vivenciados pelos participantes em relação à estrutura noética dos encontros; 3) sentidos e discussões quanto à evolução do grupo e suas produções noéticas para a existência durante o primeiro ciclo terapêutico, cujo tema foi *Esperança no humano e na vida: a beleza e singularidade de cada ser*; 4) sentidos e discussões quanto à evolução do grupo e suas produções noéticas para a existência durante o segundo ciclo terapêutico, cujo tema foi *Responder à vida: o desafio intransferível de cada um*; 5) sentidos e discussões quanto à evolução do grupo e suas produções noéticas para a existência durante o terceiro ciclo terapêutico, cujo tema foi *O caminho noético e a realização do sentido de vida de cada um*; 6) sentidos e discussões quanto à evolução do grupo e suas produções noéticas para a existência durante o quarto e último ciclo terapêutico, cujo tema foi Valores de Atitude: *Apesar de tudo, Sim à Vida.*.

PARTE I: SENTIDOS NOÉTICOS

Em relação às entrevistas gostaríamos de tecer algumas observações e curiosidades. Os participantes ficaram bem surpresos com o modelo e forma de entrevista. Chegavam preocupados e tensos, alguns já adiantavam que não estavam com o nome dos remédios para falar, como se importasse apenas isso. Depois ficavam mais descontraídos com a conversa que parecia que há muito não tinham. Um paciente comenta: "Gostoso conversar assim, né? Fazia tempo que não jogava conversa fora". Pessoalmente nos sentimos vitoriosos nesse dia. A idéia de abertura e possibilidade noética na partilha é justamente essa. Daí a aproximação tão forte da análise existencial de Frankl com a Antropologia Filosófica. Uma entrevista centrada em valores noéticos é um encontro, uma conversa descontraída, uma abertura, uma tentativa de escuta e respeito da alteridade. Embora os mapas para associação (Apêndice B) não expressem esse momento de encontro e partilha, pelo fato de constar apenas palavras e trechos que mais se destacaram na fala de cada participante, ainda assim servem e sinalizam valores e buscas importantes na vida dos portadores e na sua relação com a doença e a saúde. Podemos perceber que as relações, os vínculos e a busca do outro representam os fatores mais significativos e valorosos na vida dos portadores, bem como a crença em algo maior à própria vontade humana. Todos esses sentidos e buscas são muito marcantes em todos os portadores. As associações para saúde quase sempre estão ligadas com a possibilidade desses vínculos. Outras falas que nos chamaram a atenção referem-se ao desejo de ser útil, de servir, de fazer algo para o mundo, de ser reconhecido pelo mundo existencialmente. Como falamos anteriormente, os mapas têm seus limites, mas o encontro com cada participante, que envolveu percepções não verbais, traz também uma mensagem sutil, mas profunda: o desejo mais profundo é o

de pertencimento, de existir, de ser olhado. Olhado não apenas fisicamente, mas amorosamente também, reconhecendo o outro como outro. Isso nos fez pensar sobre a importância do olhar no caminho noético. Victor Frankl e Martin Buber trazem em seus trabalhos a todo o momento a importância da vida dialógica e do encontro EU-TU como únicos caminhos para realização do sentido da vida. E entendemos essa realização como saúde existencial. Assim, se eu não "olhar" o outro, se não ocorrer o encontro verdadeiro EU-TU, o outro não existe. Porque existimos apenas na relação, no verdadeiro encontro genuíno e humano. A vida humana acontece, portanto, na esfera subjetiva, na partilha diária que revela nossas necessidades e buscas mais profundas como seres. O ser humano acima de tudo é uma criatura que busca um sentido para sua vida. E uma vida sem sentido, sem a possibilidade do noético é o que define melhor a loucura. A loucura humana não são apenas sintomas e comportamentos inadequados mas sobretudo a condenação de uma vida por parte da sociedade à exclusão, ao isolamento e a crença de que a liberdade e o sentido não fazem parte do que ele é. Não é de surpreender, afinal, essas crenças que derrubam a liberdade incondicional de nossa espécie bem como a possibilidade histórica de transformação e vitória a partir do humano fazem parte das piores verdades estabelecidas na mentalidade de nossa época. A ciência tradicional pode até ter suas dificuldades e resistências para essa dimensão da realidade, mas ela existe, e embora não possa ser quantificada, pode ser contemplada, partilhada e dialogada. O caminho dialógico e de acolhimento desses sentidos é a trilha para o caminho noético. Daí a preocupação tão grande de Frankl em trabalhar a saúde através da vivência dos valores humanos e realização do sentido de vida.

Outras respostas em comum entre os portadores e que nos chamaram a atenção relacionam-se com os sentidos e sentimentos associados à loucura, ao destino e às lições que a doença traz para cada um. Muitos, em seus depoimentos, repetiram os

mesmos termos e imagens para suas doenças: a loucura é um tormento de pensamentos, é estar preso nos pensamentos, uma vida sem luz, uma vida de extrema solidão, uma vida sem um sentido. Os portadores deixam claro que a doença é algo do qual jamais se libertarão. Fica claro, portanto, nas falas, que a idéia é muito comum e reforçada quanto a não existência de uma dimensão de liberdade no ser humano. Estamos condenados, segundo essa visão, a não poder dar uma resposta ao sofrimento diante da vida. Nesse caso, não há porque lutar, ter esperanças e nem tentar uma nova aproximação com a saúde. E embora possa ser uma verdade, infelizmente, para muitos transtornos psiquiátricos, isso não deveria impedir o fortalecimento da liberdade e responsabilidade por parte do paciente em relação à saúde, em especial, quando entendemos saúde na esfera noética dos valores. Mas o próprio caminho noético exige uma transformação e revisão muito profunda de nossos valores como profissionais de saúde. A convicção e vivência do noético devem começar em nossas próprias vidas. Criticamos e apontamos diversas crises e fatores externos que afetam o sistema de saúde (e de fato afetam mesmo), mas nos esquecemos que há uma crise mais grave e que nos compromete a todos e que é uma crise humana e de valores. E nessa dimensão, própria do que somos, sofremos todos, cuidadores e pacientes, porque nos esquecemos de como nos relacionar, nos esquecemos do potencial do verdadeiro encontro entre dois seres humanos, do potencial da partilha, do amor, da solidariedade, do afeto, da nossa capacidade de responder em liberdade aos desafios e sofrimentos da vida. Há uma terrível crise externa sem dúvida alguma. Mas também há uma crise grave naquilo que nos tornamos. E para enfrentar essa encruzilhada devemos reaprender a perguntar: O que nos define afinal de contas? O que define nossa humanidade? Vivemos uma vida plena de saúde existencial e espiritual? Dedicamos tempo à partilha e às pessoas em nossas vidas? Estamos nos cuidando internamente o suficiente para saber cuidar amorosamente do outro? Estamos

de fato conectados ao caminho dos valores e a vida em seu mais pleno sentido? Se a vivência e a transformação pessoal não acontecerem em nós, como cuidadores, elas não poderão chegar na partilha da saúde existencial e dos valores com o outro. Outro que sofre e pede ajuda sobretudo porque seu sofrimento psíquico está ligado ao fato de "não existir", de não ser olhado no tipo de sociedade em que vivemos. Esse difuso mal-estar da civilização atual aparece, segundo Leonardo Boff (1999), sob o fenômeno do descuido, do abandono, da falta de cuidado.

Outras falas apontam para o entendimento da saúde como alegria e paz interior. Os sonhos e desejos para o futuro dos portadores revelam a esperança na libertação daquilo que chamam de prisão dos pensamentos. Mas se o foco está nas dimensões biopsicossociais, existem, de fato, limitações e sofrimentos reais que precisamos aceitar e aprender a trabalhar dentro das possibilidades de cada um. A questão da existência do ser também se passa em sua dimensão noética. Frankl afirma que não há doença nessa dimensão, e nela podemos encontrar um sentido e fortalecimento do que é próprio do homem. Como nos focamos em demasia em sintomas e nas patologias das outras esferas, acabamos por esquecer que a saúde existe, está presente e pode se fortalecer mesmo com a doença. Caminhar junto ao outro que pede nossa ajuda em um processo de partilha de valores e de realização de sentidos nesses valores, é a trilha noética que Frankl aponta para a saúde. Podemos aceitar as limitações e sofrimentos que necessitam inclusive de outras abordagens terapêuticas e medicamentosas, mas isso não impede o fortalecimento e ampliação da saúde existencial. A saúde existencial, dos sentidos e partilhas, é e sempre será possível. Mas não antes da própria saúde e comprometimento noético entre os próprios cuidadores de saúde mental. Vejamos então alguns trechos dos sentidos e partilhas mais colocados pelos portadores nessa parte da entrevista dedicada aos sentidos noéticos:

"Pra mim a coisa mais importante na minha vida é ter amigos, saber que sou importante, que não estou só. Eu dou muito valor aqui nas oficinas por causa disso. Tenho muito carinho por muitas pessoas aqui no CAPS. Acho que o pessoal, os doutores nem sabem disso. Mas a gente vem aqui muitas vezes para conversar, para estar com eles, pra ficar tão só"

P, sexo maculino, esquizofrenia paranóide

"Saber que alguém me ama, que tenho valor. Como sou muito só mesmo, Deus e a natureza são as coisas mais importantes. Eu confio realmente nos passarinhos. É a coisa mais linda. Converso sempre com eles e fico olhando. São tão bonitos, tão bonzinhos. Você gosta de passarinhos também?"

"Acho que o que eu tenho de melhor é ser amiga. Eu tenho minha amizade a oferecer. E ter um amigo significa muito"

S.A, sexo feminino, esquizofrenia paranóide

N, sexo masculino, esquizofrenia hebefrênica

"Sou uma pessoa que sabe ajudar. É o que tenho de melhor. E eu quero ajudar. Quero que as pessoas saibam que posso ajudar"

S. E, sexo feminino, transtorno bipolar

"Minha família, eu conto muito com eles. Eles me tiram do tormento da solidão"

V, sexo masculino, transtorno bipolar

S.H, sexo feminino, transtorno bipolar

"Meu futuro? O que quero? Não sei...acho que ser mais independente..sim..e ter paz..paz aqui dentro..não ficar mais atormentada com os pensamentos"

"Conseguir ter paz, sentimentos bons, alegres...meus pensamentos são um tormento..eu sonho com a alegria, em sair da solidão" R, sexo masculino, transtorno de personalidade

"Poder cuidar dos meus filhos, que minha família me ame, me aceite. Ter mais amigos, ter um amor. Ser como todo mundo é, né? Com muito amor e feliz"

N, sexo masculino, esquizofrenia hebefrênica

"Trabalhar no futuro. Fazer algo de verdade, porque isso aqui não é vida. Eu sei fazer coisas. Eu posso ajudar. Eu quero estar lá fora"

F, sexo feminino, transtorno depressivo grave

"Ah um amor..rs

A gente não agüenta ser sozinho, né? Eu quero amar também. Ter minha casa, minha família. Ter alguém que me ame, que se importe comigo, que cuide de mim"

S.E, sexo feminino, transtorno bipolar

"Posso oferecer ao mundo amizade, carinho e solidariedade. Eu não sei muita coisa não, pra trabalhar. Mas acho que isso já dá, né?Eu queria fazer trabalho voluntário. Eu pensei em ajudar a pintar, que eu gosto"

S.A, sexo feminino, esquizofrenia paranóide

"Amizade e carinho, é claro. O que de melhor posso dar"

S.E, sexo feminino, transtorno bipolar

"As pessoas mais importantes além da família são as pessoas que cuidam de mim aqui. Eles são muito importantes mesmo"

A, sexo feminino, transtorno bipolar

"Queria que eles (o paciente refere-se aos profissionais de saúde) tivessem mais tempo. Aqui é tudo muito corrido. Queria conversar mais, que eles ficassem mais comigo. Sinto falta disso"

F, sexo feminino, transtorno depressivo grave

"Me sinto muito só, tenho poucos amigos. Tento me sentir menos só aqui" S.E, sexo feminino, transtorno bipolar

"Eu acho que, pra mim, conversar mais comigo pode melhorar. E ter mais oficina. Tem pouca. E a gente fica parada. Nas oficinas não ficamos sós. fazemos amigos"

S.A, sexo feminino, esquizofrenia paranóide

"A loucura é algo muito triste mesmo, não desejo esse tormento, essa dor para ninguém" R, sexo masculino, transtorno de personalidade

"Acho que a loucura era algo que eu tinha que passar nessa vida, meu destino" A, sexo feminino, transtorno bipolar

"Um tormento, uma solidão extrema, fico sem luz" L, sexo masculino, transtorno de personalidade

"A loucura é a pior doença que um ser humano pode ter, é terrível a solidão e a vida não ter sentido" F, sexo feminino, transtorno depressivo grave

"Acho que eu vim para sofrer mesmo, era meu destino, não tem como escapar, tem?" A, sexo feminino, transtorno bipolar

> "O que é pra ser é, e não posso me libertar disso" F, sexo feminino, transtorno depressivo grave

"Destino pra mim é a loucura. Esse tormento era o meu destino. Não posso fugir dessa solidão. Fazer o quê? Deus quis assim" P, sexo masculino, esquizofrenia paranóide

PARTE II: IDENTIDADE SONORO-CORPORAL

O levantamento da identidade e perfil musical-corporal dos participantes justifica-se na medida em que o conceito de ISO ou Identidade Sonora em Musicoterapia é a base para todo processo terapêutico. Assim, baseado nesse levantamento e nas produções e partilhas musicais dos portadores, ao longo do processo, é que realizávamos nossas seleções e intervenções musicais com os mesmos. Além da escolha das canções âncoras e norteadoras do caminho noético, dos instrumentos musicais e repertório do CD, para a sensibilização corporal, estavam baseados também nesse levantamento. Dessa forma, a experiência do novo (voz e movimento) que poderia ser assustadora para muitos, ganha uma segurança e ancoramento por meio da identidade e memória musical do grupo. A grande maioria dos participantes já tinha um importante vínculo e abertura para a música e o movimento. Dançar era mais sedutor para a grande maioria dos participantes, muitos comentam da época de bailes e da saúde e amigos que tinham então. Cantar assusta um pouco. Gostam de ouvir, mas expor a própria voz, sozinho, é considerado uma experiência agressiva. Mas aceitam a experiência como prazerosa desde que todos cantem juntos. A dança mobiliza muitas experiências e lembranças de juventude, de uma época de mais alegria para muitos, época de amores e de saúde. Muitos lembram que começaram a adoecer e vivenciar as internações psiquiátricas após esse período. Interessante que tanto a dança quanto a música estavam presentes numa época que todos consideram de

mais saúde. Após o início da doença, o movimento e a música se afastam também. O interesse pela oficina parte de uma convicção na associação, natural para os participantes, entre saúde e movimento, partilha, amigos e música.

"A dança fazia parte de minha infância e juventude...de
uma época de alegria e de muitos amigos..de uma época em que não era louco..depois
nunca mais me chamaram para os bailes...eu era muito bom mesmo na pista"
P, sexo masculino, esquizofrenia paranóide

"Escutava muita música antes de me internar. Também dançava nos bailinhos. É uma lembrança boa. Vim pra ver se dançando e cantando fico menos só e triste, faço amigos de novo, que eu tinha muitos quando era mais moça"

S.E, sexo feminino, transtorno bipolar

"Eu vim porque preciso realmente de alegria para não enlouquecer, e quando dancei nessa oficina em roda, senti que fiquei mais próxima do que é bom"

F, sexo feminino, transtorno depressivo grave

Em relação ao que os pacientes buscavam e desejavam encontrar nas oficinas, a necessidade revelou-se a mesma para o grupo: ficar menos só, ter amigos, acalmar os pensamentos, desenvolver equilíbrio e encontrar mais alegria no viver. Esse momento de escuta e partilha foi fundamental como ponto de partida e comprometimento noético em nosso processo com o grupo. Suas mensagens de sentido

e busca foram questões disparadoras em nosso vínculo e caminhada com os participantes.

Classificamos, em alguns grupos iniciais, a identidade sonoro-musical e canções que marcaram a vida dos portadores. Quanto aos estilos mais representativos do grupo, registramos: MPB, música caipira e música folclórica brasileira. Quanto aos cantores, Gonzaguinha, Roberto Carlos, 14 BIS, Milton Nascimento, Maria Bethânia e Almir Sater. Voz, violão e piano estavam entre os instrumentos que mais tocavam os participantes. A partir desses primeiros dados musicais é que começamos a trajetória musicoterapêutica com o grupo. O processo do grupo, entretanto, poderia mudar o referencial e as possibilidades caso novas comunicações e expressões musicais fossem partilhadas e tidas como mais relevantes ao longo do processo. Em relação à biografia musical, a grande maioria pôde vivenciar danças de roda na infância, teve muito contato com bailes com músicas românticas na adolescência e na fase adulta se vinculou, sobretudo, com MPB e música caipira. O interessante da busca dos participantes pela oficina foi justamente a associação que fizeram do movimento e do canto com as fases de saúde e de partilha em suas vidas.

Os pesquisadores montaram a estrutura dos encontros com o grupo tendo por referências as entrevistas individuais iniciais com os participantes, a experiência prévia da pesquisadora, de um ano, com a mesma oficina no CAPS e o caminho noético dos valores proposto por Frankl. Pensando nessa vivência da saúde como vivência de valores, e no perfil sonoro-musical do grupo, criamos um roteiro para os encontros nos quais pudéssemos através da voz e do movimento estimular estes valores nos portadores e permitir um espaço para suas respostas e sentidos sobre o processo. Como mencionamos na metodologia, a estrutura para cada encontro foi dividida em 8 partes. Cada parte foi montada pensando no processo noético de Frankl e tendo por escolhas musicais, e de movimento, repertórios que atendessem tanto aos valores noéticos quanto à identidade sonoro-musical dos participantes. Cada encontro tinha a duração de 2h, a participação da pesquisadora como focalizadora e a colaboração de duas musicoterapeutas, sendo uma participante (teclado / violão) e a outra apenas observadora (no registro do diário de campo e quadro sonoro-corporal evolutivo). A intervenção com o grupo teve um total de 16 encontros nessa pesquisa. A seguir uma descrição e partilha de alguns dos significados e valores existenciais apontados pelos participantes em relação a cada um desses momentos do encontro.

1º momento Noético Acolhimento e Recepção do Grupo

O Canto de Entrada na descoberta dos Valores de Experiência: o homem descobre que é digno e que pode confiar no afeto que recebe do outro

O setting terapêutico, uma sala ampla, estava previamente preparado com 13 cadeiras em formação circular, deixando sempre um bom espaço para o trabalho de movimento e as danças circulares com o grupo no centro. As 13 cadeiras serviam para os momentos de diálogo e troca de experiência e sentimentos entre os participantes, a pesquisadora e as duas musicoterapeutas observadores-participantes do projeto. Violão e teclado estavam presentes em todos os encontros, fazendo parte do setting e do processo musicoterapêutico do grupo.

Os pacientes eram recebidos pela pesquisadora e pelas musicoterapeutas observadores-participantes com um canto de entrada, tendo por recursos musicais voz e violão, como oferecimento, acolhimento e recepção para o grupo na abertura daquele encontro. Foi escolhido um mesmo canto de entrada, isto é, uma mesma canção, para a abertura dos encontros. Essa escolha fundamenta-se em três razões, do ponto de vista musical e psíquico: 1) a repetição de um mesmo canto na abertura dos encontros traria um contorno e uma base de apoio afetiva através de uma canção âncora, a segurança do encontro e da entrega, tão importantes nos processos terapêuticos com pacientes psiquiátricos; 2) o retorno da canção âncora na abertura de cada encontro auxiliaria também no aprendizado e no enraizamento da identidade e dos vínculos do grupo, lembrando a cada um o retorno do caminho noético naquele espaço e tempo sagrados; 3) a canção escolhida, de fácil aprendizado, mas de profunda mensagem em relação às dimensões e potenciais de cada um naquele caminho, permitia ainda uma pequena

improvisação, utilizando o nome de cada paciente e, fazendo, portanto, que a descoberta do valor de experiência, isto é, a descoberta de que podemos receber algo de bom do mundo, fosse realmente vivenciada e realizada por cada um, ao receber o canto como presente e doação, em um encontro autêntico e genuíno, sem necessidade de intervenções verbais, apenas o olhar e a voz acompanhando essa jornada através da música.

Como canto de entrada, escolhemos a canção "Água que corre para o mar", de autoria e composição de Antônio Ricardo Nahas, já conhecida por muitos do grupo que participaram do 1° ciclo terapêutico em 2004. Segue abaixo a letra da canção:

Água que corre para o Mar
Alma que corre para a Luz
Alma que canta
Alma que encanta
Alma que exala o Amor

Após duas repetições do canto, substituíamos as palavras água e alma em cada trecho da canção pelos nomes de cada participante e pelos valores mencionados pelos mesmos ao longo da improvisação, como parte do caminho de sentido de cada um.

Antonio que corre para o mar

Maria que corre para a luz

Vera que canta

Julia que encanta

Luís que exala o amor

Vida que corre pro mar

Antonio que corre para a luz

Amor que canta

Vera que encanta

Nós que exalamos o amor

Inicialmente os pacientes reagiram com expressões de surpresa e espanto diante dessa forma de recepção e acolhimento. Após alguns encontros, espontaneamente os usuários passaram a acompanhar o canto, evoluindo em uma trajetória não-verbal do silêncio para o som, do espanto para o sorriso, do retraimento corporal para o abraço fraterno espontâneo, do não contato visual com o outro para o olhar. O momento forte dessa primeira parte da sessão era justamente quando cantávamos, todos, o nome de cada um na canção.

"Gente que coisa mais linda, eu adoro ouvir meu nome na canção quando chego. Me sinto muito querido, muito especial"

N, sexo masculino, esquizofrenia hebefrênica

"Pra mim, é muito acolhedor ser chamado pelo canto, pela música. A gente com o tempo até chega antes no CAPS e fica conversando, tomando um café só pra não perder o momento que vocês chegam na sala cantando pra chamar a gente"

L, sexo masculino, transtorno de personalidade

"Pra mim, ouvir meu nome é parte mesmo da sessão. Eu já fico diferente. Acho que fico com algo bom. A esperança volta. Entro desesperada mas daí acredito de novo. E eu preciso muito acreditar pra não enlouquecer mesmo" F, sexo feminino, transtorno depressivo grave

2º momento Noético Primeiro o Silêncio, depois a Música

Da escuta das necessidades e sentidos do grupo?

Como estou agora?

O que minha alma pede e necessita neste encontro?

No segundo momento do encontro, os participantes eram encorajados a expressar seus sentimentos, entendimentos e buscas em relação ao processo musicoterapêutico que estavam vivenciando. A pesquisadora lançava para o grupo sempre as mesmas duas questões existenciais para este segundo momento da sessão: Como estou agora? O que minha alma pede e necessita neste encontro?

As questões tinham por objetivo registrar o processo evolutivo da percepção dos pacientes em relação aos seus sentimentos antes e após a sessão, bem como estimular a responsabilidade e consciência, em termos logoterapêuticos, para o que o paciente necessitava em termos de aprendizado de valor e sentido naquele momento.

Muitas das canções, danças circulares e dinâmicas de grupo do processo foram construídas tendo por referencial, além da base musicoterapêutica, em relação à identidade sonoro-musical, as temáticas existenciais, necessidades e valores apresentados pelos grupos nesse segundo momento ao longo do processo.

"Quase sempre sinto as mesmas coisas. Pra mim realmente eu preciso me abrir. Eu me fechei demais. Tenho medo demais. Toda vez que você me pergunta é isso: fazer mais amigos, preciso me comunicar, me abrir, enfrentar o mundo"

R, sexo masculino, transtorno de personalidade

"Preciso de carinho e atenção"
N, sexo masculino, esquizofrenia hebefrênica

"Alegria, preciso aprender de novo"
F, sexo feminino, transtorno depressivo grave

"Preciso de paz, calma. Fazer meus pensamentos ficarem
mais calmos"
S.E, sexo feminino, transtorno bipolar

"Parar a cabeça um pouco. Me livrar da cabeça e conseguir só dançar, só cantar" S.A, sexo feminino, esquizofrenia paranóide

3º Momento Noético

Despertando o Corpo, Despertando a Liberdade

Sensibilização corporal acompanhada de audição musical do repertório sonoro do grupo como ferramenta para o resgate da memória e enraizamento psíquico dos pacientes

Neste terceiro momento da sessão, todos eram convidados a levantar-se, mantendo na mente e no coração os valores e necessidades verbalizados e expressos no momento anterior. Então, em um trabalho de integração do sentido contemplado com o corpo, dedicávamos um tempo para a consciência corporal e o despertar dos sentidos de cada participante. Nesse momento, tínhamos como apoio afetivo, estímulo de memória e identidade, o repertório levantado pelo grupo nas entrevistas musicoterapêuticas iniciais bem como toda a partilha musical que acontecia ao longo de todo o processo.

"Nem sempre é fácil estar aqui pra mim. Na verdade, meus sentimentos ficam mais fortes e isso é muito difícil. Adoro vir. Mas é muito doloroso o que sinto quando me sinto mais. E me sinto mais nesse trabalho"

F, sexo feminino, transtorno depressivo grave

"Pra mim é diferente. Eu consigo aqui neste momento sentir e parar minha cabeça. E vocês não imaginam como é importante pra mim parar de pensar. Me acalmar, ter um pouco de paz"

R, sexo masculino, transtorno de personalidade

4º Momento Noético

Dinâmica de Integração

Resgatando a espontaneidade

O olhar, o toque e a expressão na descoberta dos valores de criação:

O homem descobre que é um ser único e que tem algo a oferecer ao

mundo

Este momento, na realidade, pode ser entendido como um fechamento da etapa anterior, após a sensibilização e aquecimento corporal, os usuários eram convidados e estimulados a participar de dinâmicas criativas que tinham por objetivo proporcionar uma melhor integração entre os pacientes do grupo e a equipe do projeto, bem como fortalecer vínculos e permitir o aprofundamento das relações interpessoais. Aqui, o usuário era encorajado a perceber seu valor, sua singularidade, a expressar-se e apresentar-se diante do mundo, através do encontro com o outro, o olhar, o abraço e o movimento espontâneo acompanhado de música referenciada na identidade sonora do grupo.

"Eu fico um pouco com vergonha no começo. Mas o legal é que a gente começou mesmo a ficar mais amigos, a se conhecer mais. Eu tenho muito carinho mesmo por todos meus amigos deste grupo. Vou carregar todo mundo no coração. A amizade de cada um é que me dá sentido"

V, sexo masculino, transtorno bipolar

"Pra mim este momento me ajuda a ser mais livre, mais aberto, porque eu sou muito fechado. Aprender a olhar está sendo muito importante" R, sexo masculino, transtorno de personalidade

5º Momento Noético

Danças Circulares - O Caminho da Roda

O caminho noético do círculo: o homem descobre que é único, que tem algo a oferecer ao mundo, e que o mundo também tem algo a lhe oferecer em troca.

Na seqüência dos trabalhos de sensibilização corporal e dinâmicas de integração de grupo, a pesquisadora oferecia, para cada quatro encontros, ou ciclos terapêuticos, o aprendizado e a vivência de uma dança circular ou dança de roda. A escolha das danças circulares ou danças de roda estava intimamente ligada ao processo e às necessidades do grupo, bem como às experiências de valores contempladas por Viktor Frankl para a realização do sentido da vida no caminho noético. Os ciclos terapêuticos com as danças de roda, bem como com os cantos, estavam portanto ligados aos temas da logoterapia. Essas experiências e escolhas serão relatadas posteriormente em cada ciclo terapêutico.

"Eu me sinto menos só no mundo quando estou na roda. É maravilhoso esse sentimento de saber, mesmo que só por alguns minutos, que realmente não estou só"

P, sexo masculino, esquizofrenia paranóide

"Na roda, no movimento, os pensamentos param de me atormentar. O melhor da dança é que a cabeça pára, a loucura pára um pouco. A gente só dança, só brinca, é só o corpo e estar com os amigos"

L, sexo masculino, transtorno de personalidade

"A dança me deixa em paz, a roda me acalma. Fico menos pertubado pelos meus pensamentos"

V, sexo masculino, transtorno bipolar

6º Momento Noético O Canto Coral na Dimensão Existencial

A descoberta dos valores de criação, de experiência e de atitude no caminho noético das canções.

Após o trabalho com a dança circular escolhida pela pesquisadora para o processo terapêutico do grupo em cada ciclo terapêutico, a equipe trabalhava também uma canção, para cada quatro encontros, seguindo as propostas e valores do caminho noético de Frankl e a identidade sonoro-musical do grupo.

Assim, foram selecionadas 4 canções para a experiência do canto coral: 1) a primeira canção esteve referenciada nas temáticas e valores da esperança e da capacidade humana para a transformação, e a canção noética escolhida foi *Sementes do Amanhã*, de Gonzaguinha; 2) a segunda canção esteve referenciada nas temáticas e valores da responsabilidade e da liberdade de escolha, e a canção noética escolhida foi *É preciso saber viver*, de Roberto Carlos e Erasmo Carlos; 3) a terceira canção esteve referenciada nas temáticas e valores do encontro EU-TU, da autenticidade e entrega na

relação, no sentido buberiano, e a canção noética escolhida foi *Emoções*, de Roberto Carlos; 4) a quarta e última canção do ciclo terapêutico esteve referenciada nas temáticas e valores de atitude de Frankl, para a qual escolhemos um cânone, de composição do regente Érico Firmino Artiolli, a partir de uma frase do próprio Frankl: *Apesar de tudo, sim à vida*.

A escolha de cada canção passou por um processo de investigação e avaliação musicoterápica. Essa trajetória clínica envolveu: 1) as entrevistas musicoterápicas iniciais; 2) o depoimento dos pacientes ao longo do processo e as temáticas, buscas e necessidades levantadas pelos mesmos; 3) o perfil dos cantos e canções compartilhados pelos mesmos na sétima etapa de cada sessão.

A aproximação da musicoterapia com a psicoterapia, através do sentido da vida, se deu justamente nesse mergulho no canto coral com a descoberta e realização dos valores de criação, experiência e atitude, por meio de cantos coletivos. No canto oferecemos nossa voz, nosso ser, temos algo de único a dar ao mundo. A voz, instrumento musical primordial do homem, por sua vez, reforça, com o corpo, que vibra, nossas possibilidades de identidade, enraizamento e liberdade. Ao mesmo tempo em que oferecemos nossa voz, recebemos do outro, também, sua voz, seu ser, e por meio de canções que transmitem, especialmente, esses valores, somos convidados a mudar nossa atitude diante do que não temos controle pelo próprio cantar. Essas experiências e escolhas serão relatadas posteriormente, bem como o processo e os depoimentos dos pacientes.

"Gosto de ouvir mas não de cantar. Eu tenho vergonha da minha voz. Nem sempre eu canto aqui, mas ouvir é um presente pra mim"

S.A, sexo feminino, esquizofrenia paranóide

"É aquilo que já falei um dia pra vocês. A voz de todo mundo junta é lindo"

V, sexo masculino, transtorno bipolar

"A gente se sente especial mesmo quando cantamos juntos. Eu não imaginava que existia em mim algo tão bonito assim. A gente canta bem mesmo, não é?"

A, sexo feminino, transtorno bipolar

"Quando a gente canta junto, a voz de todo mundo é muito importante. É especial mesmo. Bonito de se ouvir. Quando eu canto, quando eu escuto a voz de cada um, me faz bem, solto tudo, esqueço da dor, brinco de novo"

S.E, sexo feminino, transtorno bipolar

"Os pensamentos param de atormentar, o corpo fica livre"

F, sexo feminino, transtorno depressivo grave

Compreensão dos Sentidos

73

7º Momento Noético

De volta ao silêncio

Encontros e momentos de escuta:

depoimentos, falas e cantos compartilhados espontaneamente pelos

pacientes.

Neste momento, o trabalho do canto coral era encerrado e os usuários compartilhavam seus sentimentos, percepções e, em muitos momentos, por escolha do

grupo e desejo pessoal, as músicas e canções que marcaram suas vidas ou que lhe

tocaram o coração naquele momento. Essas experiências e canções compartilhadas pelo

grupo serão descritas posteriormente, bem como o processo e os depoimentos dos

pacientes ao longo de cada ciclo terapêutico.

8º Momento Noético

Fechamento do Encontro

Um canto de amizade

Um canto de até mais

Um canto de agradecimento

Nesta última etapa da sessão, o grupo encerrava o encontro com um abraço

fraterno em roda, deixando apenas uma palavra de registro sobre o que aprendera de

mais valioso naquele encontro. Esse momento era acompanhado da mesma canção de

encerramento, ou canção âncora, pelas razões expostas na primeira parte do capítulo. A

canção de encerramento escolhida foi Planeta Sonho, interpretada pela banda 14 Bis,

canção temática e escolhida por grande parte dos participantes. A evolução sonoro-

corporal-musical e dos valores noéticos dos portadores presentes ao longo do processo musicoterpêutico foi registrado em um quadro (Apêndice C) totalizando uma trajetória de registro clínico verbal (dos sentidos contemplados) e musical de 16 encontros para cada participante.

Aqui ninguém mais ficará depois do sol No final será o que não sei mas será Tudo demais, nem o bem, nem o mal , só o brilho calmo dessa luz

O planeta calma será Terra, o planeta sonho será Terra E lá no fim daquele mar a minha estrela vai se apagar Como brilhou, fogo solto no caos

Aqui também é bom lugar de se viver Bom lugar será o que não sei mas será Algo a fazer, bem melhor que a canção mais bonita que alguém lembrar

A harmonia será Terra, a dissonância será Terra E lá no fim daquele azul os meus acordes vão terminar Não haverá outro som pelo ar

O planeta sonho será Terra, a dissonância será bela E lá no fim daquele mar a minha estrela vai se apagar Como brilhou, fogo solto no caos

Esperança no humano e na vida: a beleza e singularidade de cada ser

UM CANTO DE ESPERANÇA, UM MOVIMENTO PARA A LIBERDADE.

"O que é, então, um ser humano? É o ser que sempre decide o que ele é. É o ser que inventou as câmaras de gás; mas é também aquele ser que entrou nas câmaras de gás, ereto, com uma oração nos lábios" Viktor Frankl

Um dos primeiros temas existenciais e noéticos da psicoterapia de Viktor Frankl está centrado na esperança no homem, na convicção de sua dimensão espiritual, isto é, sua dimensão de valores, partilha e sentidos. Essa experiência humana de valores e sentidos existenciais acaba por criar e enraizar, segundo Frankl, aquilo que é próprio e único no universo humano. Para Frankl, essa dimensão é a dimensão verdadeiramente humana. Na vivência e partilha do que é próprio do homem é que podemos realizar o sentido da vida, fortalecendo, assim, aquilo que Vitor Frankl entende por saúde noética ou espiritual. É importante, mais uma vez, lembrar que a natureza espiritual do homem, na visão de Frankl ,não se confunde com religião, estando ligada com a dimensão da liberdade, da escolha, dos sentidos e valores que o homem confere, a todo momento, à sua existência. É nessa esfera que o homem se humaniza, responde com aquilo que é próprio de sua humanidade, sendo essa humanidade, na visão de Vitor Frankl, essencialmente noética, de valores e de sentidos.

O *Primeiro Ciclo Terapêutico*, isto é, os primeiros quatro encontros com o grupo, teve como canção âncora, para o tema Esperança, *Sementes do Amanhã*, de Gonzaguinha, para a partilha do canto coral, e uma *Ciranda Brasileira* cantada por Gilberto Gil para a Dança Circular.

Durante os primeiros quatro encontros, portanto, mergulhamos na vivência desse canto e dança de roda, dentro da estrutura noética montada e discutida

anteriormente. O objetivo era perceber o quanto a experiência musical e de movimento centrados no caminho noético poderiam ser veículos para abertura desses valores e da vivência de uma saúde mais plena existencialmente. Mais plena não porque elimina a doença e o sofrimento, mas por estar centrada na questão do sentido e do encontro, ou seja, da experiência própria do homem. A música e o movimento, nesse aspecto, são canais daquilo que é mais noético no ser humano. Abrem novos canais de comunicação e permitem a vivência de novos sentidos e valores para a vida por meio da partilha e do genuíno encontro humano. Somos transformados quando a música nos toca, quando o corpo se abre, e então passamos a nos permitir uma relação nova. Quando canto, minha voz se encontra com a voz do outro. E então já não sou só eu. Não estou só. Somos nós. E a voz não é só um instrumento orgânico, porque não manifestamos ruídos involuntários sem significados. Fomos embalados por uma voz. Aprendemos e despertamos para o mundo com cantigas e brincadeiras. Aprendemos e falamos com o corpo. Nossas histórias ganham cantos coletivos e individuais. Cantamos a dor, o amor, a esperança, a vida, as emoções e tudo aquilo que nos define sem poder ser definido, porque se assim o fosse já não seria humano. O canto é noético porque é humano. Ele me traz e me revela o que é próprio dessa dimensão. Dimensão que muitas vezes assusta a ciência porque não pode ser controlada, medida, quantificada. Assim, escutar as vozes noéticas implica em abrir mão desse controle, mergulhar no encontro, na abertura e respeito à alteridade e perceber que o que buscamos compreender não são dados e permanências mensuráveis, mas a contemplação de valores, sentidos subjetivos, modos de ver e viver o mundo, que só irão se revelar se a própria ciência se abrir para esse nível de realidade. E, nesse caso, isso implica o total engajamento e transformação do pesquisador nesse processo. O canto e a dança de roda, portanto, facilitam o encontro

Compreensão dos Sentidos 77

EU-TU, e por isso ampliam o sentido da vida, porque ampliam o sentido de pertencimento e de existência nas trocas.

Vejamos então as canções âncoras que serviram como abertura para a partilha de valores e sentidos existenciais dos portadores no Primeiro Ciclo Terapêutico.

Canção Âncora: Semente do Amanhã

Gonzaguinha

Ontem um menino que brincava me falou

Que hoje é semente do amanhã

Para não ter medo que este tempo vai passar

Não se desespere não, nem pare de sonhar

Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs

Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar!

Fé na vida, fé no homem, fé no que virá!

Nós podemos tudo, nós podemos mais

Vamos lá fazer o que será!

Dança de Roda: Ciranda Brasileira

Gilberto Gil

Vem de um lugar chamado Flores
Esta ciranda
De tantas cores
Vem nos aliviar as dores
Os maus olhados
Os dissabores
Ó, cirandeiro, cirandeiro
Que faz ciranda o tempo inteiro
Só por folia
Só por amor
Vem de um lugar chamado Flores
Vem de um lugar chamado Flores Esta ciranda
Esta ciranda
Esta ciranda De tantas cores
Esta ciranda De tantas cores Vem nos falar dos trovadores
Esta ciranda De tantas cores Vem nos falar dos trovadores Dos bem-amados
Esta ciranda De tantas cores Vem nos falar dos trovadores Dos bem-amados
Esta ciranda De tantas cores Vem nos falar dos trovadores Dos bem-amados Dos benfeitores
Esta ciranda De tantas cores Vem nos falar dos trovadores Dos bem-amados Dos benfeitores Ó, cirandeiro, cirandeiro

Em relação ao *Primeiro Ciclo Terapêutico*, algumas observações e valores compartilhados pelos portadores ao longo do processo ficaram para a equipe. Entre as vivências e sentidos mais compartilhados gostaríamos de destacar para esse ciclo: a) a canção de acolhimento como valor de experiência para os portadores e b) os cantos e a dança de roda no ancoramento existencial dos portadores.

a) A canção de acolhimento como valor de experiência para os portadores

Um dos primeiros impactos e depoimentos dos portadores esteve relacionado à forma como eram recebidos na oficina. As cadeiras em forma circular permitiam uma maior mobilidade e visão de todos no grupo e as musicoterapeutas tendo o primeiro contato sempre de forma musical, voz e violão, com o canto de abertura Água que corre para o mar, de Ricardo Nahas. Essa canção permitia, como já mencionado anteriormente, brincar com o nome dos participantes na música. Assim, após algum tempo, o nome de cada portador era colocado na música e inclusive expressões espontâneas que surgiam no momento, relacionadas aos seus sentimentos e valores. A estrutura cíclica e melódica dessa canção permitia uma base para os portadores improvisarem a letra com a ajuda das musicoterapeutas. Por outro lado, do ponto de vista noético, ser acolhido com seu nome na música é uma experiência de poder existir, de saber que existimos e que nossa existência é acolhida e contemplada pelo outro no processo da vida.

"Bonito demais, gente, vocês cantando meu nome quando eu chego... me sinto muito especial...amo vocês, meninas...vocês são muito bonitas...adoro ouvir vocês cantando meu nome..é muito carinhoso isso..eu agradeço a Deus...é o que mais gosto nos encontros..tem dias que nem tô tão bom pra dançar..fico

meio tonto..mas venho pra ouvir meu nome na música"

N, sexo masculino, usuário portador de esquizofrenia

hebefrênica

b) Os cantos e a dança de roda no ancoramento existencial dos portadores

Os momentos da partilha do canto coletivo e da dança de roda eram sentidos e significados de diversas formas pelos participantes, mas todos expressavam um valor e sentimento em comum com a experiência, o fato do encontro das vozes e de uma dança acontecer com todos juntos, de mãos dadas, e o círculo permitindo a visão e o olhar para todos os integrantes. Na visão de muitos portadores, essas experiências favoreciam simplesmente o encontro, a alegria de ser olhado, de existir para o outro, sentimento de pertencimento, de se sentir especial, em igualdade diante da vida e, ao mesmo tempo, perceber que não estamos sós, existindo outras redes possíveis. Na verdade, o encontro dos cantos de cada portador, e o dançar em círculo, representavam uma metáfora da vida, uma experiência que nos remetia para o ser e conviver, para o sentido e os valores de nossa existência.

"Me sinto muito feliz quando dou as mãos na roda. Chego angustiada e depois danço, e depois que vejo o nosso talento para dançar, cantar, fico muito feliz, me sinto especial, recuperada"

S.A, sexo feminino, portadora de esquizofrenia paranóide

"Depois de dançar, de cantar, ouvir a voz de todo mundo junto, sei lá, me sinto bem mais leve, me sinto menos só, parecia que eu estava fechada, parecia que tinha uma pedra aqui dentro (indica o peito) daí parece que na dança, no canto, com todos juntos, posso ver diferente a vida. E o bom é que o tormento dos pensamentos some, me deixa em paz, livre um pouco pras coisas boas"

P, sexo feminino, portadora de esquizofrenia paranóide

"Eu preciso me abrir, sou muito fechado, preciso me abrir mesmo, pra vida, fazer amigos. Mas tenho muito medo. Mas cada dia que canto junto e danço de mãos dadas, eu vejo as coisas diferentes. Não sei se é a dança ou o canto. Mas o grupo... a gente...todos nó.s..a gente poder estar juntos fazendo algo bonito.... eu me sinto mais saudável...eu confio mais...mais na vida...eu não sei explicar...mas eu confio mais na bondade depois".

R, sexo maculino, portador de transtorno de personalidade

Assim, canto e dança representavam veículos de acesso aos valores e partilhas próprios da condição humana. Uma celebração que favorecia o encontro, a troca, a existência. A saúde é entendida por eles como alegria, como encontro, como existir para o outro, como esperança, como paz (ausência dos "tormentos dos pensamentos"), como partilha, como descoberta de talentos possíveis. Na verdade, o caminho noético de Frankl não é difícil de ser entendido, pois ele nos fala de amor, amizade, respeito, aceitação, encontro e valores que dão sentido à nossa existência. O difícil no caminho noético é a vivência e transformação. É um caminho que exige esse engajamento e transformação pessoal do cuidador. Exige uma revisão de mundo, de valores e paradigmas. E só pode ser contemplado nessa abertura, nessa vivência e escuta genuinamente humana. A experiência do encontro buberiano é um desafío dialógico. E nem de longe acreditamos ter atingido, mas apenas apontado para essa necessidade nos cuidados de saúde.

Responder à vida: o desafio intransferível de cada um.

"Quando falamos filosoficamente em existência, dizemos: existência. Estamos sempre nos projetando para fora (ex), construindo nosso ser. Nós não o ganhamos pronto. Nós o moldamos mediante nossa liberdade, mediante os enfrentamentos e intimidações do real. Ao reagir, assumir, rejeitar e modelar, vamos construindo a nossa existência. O ser humano é um ser nunca pronto, por isso não há antropologia, há antropogênese, que é a gênese do ser humano. Nessa experiência emerge aquilo que somos, seres de imanência e transcendência, como dimensões de um único ser humano"

Leonardo Boff

No Segundo Ciclo Terapêutico, isto é, do quinto ao oitavo encontro com o grupo, tivemos como canção âncora para o tema "Responder à vida: o desafio intransferível de cada um", a canção É precsio saber viver, de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, e a Dança do Vilão, do Vale do Jetiquinhonha, Minhas Gerais, que traz em seus movimentos ensinamentos sobre cooperação e responsabilidade diante da teia da vida. As músicas foram selecionadas tendo por base as entrevistas iniciais sobre o perfil musical dos participantes e os depoimentos e produção sonoro-musical dos mesmos ao longo do processo. O caminho noético, portanto, é algo que vai sendo construído e descoberto na medida em que as partilhas e valores de cada um vão sendo colocados no processo. Durante o segundo ciclo terapêutico, mergulhamos na vivência desse canto e dança de roda, dentro da estrutura noética montada e discutida anteriormente: não apenas questões disparadoras de valores e sentidos, mas, mais uma vez, músicas e movimentos plenos de sentido e partilha existencial. Vejamos então as canções âncora do segundo ciclo terapêutico, que teve por tema Liberdade e Responsabilidade.

Canção Âncora: É preciso saber viver

Roberto Carlos / Erasmo Carlos

Quem espera que a vida seja feita de ilusão

Pode até ficar maluco

Ou morrer na solidão

É preciso ter cuidado

Pra mais tarde não sofrer

É preciso saber viver

Toda pedra no caminho

Você pode retirar

Numa flor que tem espinho

Você pode se arranhar

Se o bem e o mal existem

Você pode escolher

É preciso saber viver

É preciso saber viver

É preciso saber viver

É preciso saber viver

Saber viver

Em relação a esse Segundo Ciclo Terapêutico, gostaríamos de partilhar alguns depoimentos e sentidos dos portadores que mais marcaram o processo. Entre as vivências e valores compartilhados gostaríamos de destacar para esse ciclo: As questões noéticas como um novo foco para os portadores em saúde mental.

As questões noéticas como um novo foco para os portadores em saúde mental

Outras falas e depoimentos constantes no grupo estiveram relacionados à relevância em suas vidas das questões noéticas disparadoras. Para os portadores, as questões mudaram o foco: do problema para a saúde. Muitos revelaram suas dificuldades em se libertar de pensamentos negativos obsessivos. E que muitas vezes na própria terapia ficavam amarrados nesses problemas que representavam um tormento em suas vidas. Começar a pensar sobre o sentido que falta, o "desejo da alma", "a necessidade da alma", era perceber e vivenciar o que é saúde e não apenas o que é loucura. A pesquisadora, no segundo momento de cada encontro, ao perguntar "O que sua alma precisa hoje pra estar bem?", estimulava uma questão de sentido. Queríamos realmente contemplar os sentidos e valores de saúde e bem-estar fundamentais na vida de cada portador. No final do encontro, os portadores eram estimulados com mais uma questão: "O que aprendi de importante para minha vida nesse encontro?". As palavras e frases eram anotadas em cada encontro pela musicoterapeuta observadora. O caminho do processo doença-saúde era trilhado, assim, tendo a música e o movimento como veículos fortalecedores de vivências existenciais, isto é, vivências referenciadas na partilha e descoberta de valores, por um lado, e em questões noéticas disparadoras, que tinham por objetivo mudar o foco do problema e da doença para a realização do sentido da vida em cada um.

"Eu tentava fazer das perguntas um dever de casa, uma tarefa. Eu percebi que sempre sentia falta de uma mesma coisa: comunicação, abertura, compartilhar mais...eu sou muito fechado..eu não confio..então era verdade..quando você me perguntava do que minha alma precisava naquele encontro pra estar bem...eu não pensei na minha doença, nas minhas dificuldades..mas pensei em amigos, em me abrir..foi uma descoberta...esse é o caminho..era minha tarefa durante a semana"

R, sexo masculino, portador de transtorno de personalidade

"Eu sei que sou doente...já fiz minha família sofrer muito...minhas filhas me ajudaram muito, o pessoal do CAPS....então pra mim o que me faz feliz, o que minha alma precisa é amor, carinho, amigos...é estarmos todos juntos aqui neste grupo...eu gosto de vir aqui, estar com vocês,cantar, dançar, ouvir as músicas dos colegas...no dia que eu trouxe a minha música pra compartilhar eu adorei...Fiquei esperando a semana toda pra colocar o Frank Sinatra... acho bom parar de pensar em problema e falar de amor, amizade..de outras coisas..acho muito bom isso aqui....a gente pode falar de coisas bonitas... me sinto bem quando a gente pode falar nisso..saio melhor..nos outros grupos a gente sempre fica falando de problemas. Eu acho que a dança faz a gente falar mais de amor (risos)"

"Achei engraçado pensar naquelas perguntas..Eu tinha vergonha, vontade de rir porque nunca parei pra pensar..Mas pra mim eu precisava era da música e dos passos...Eu até pedi pra você gravar um CD com o cirandeiro porque tinha que treinar em casa...eu gostei muito...ficava melhor..pra mim foi muito importante aprender o que é direita e o que é esquerda..eu adoro .dançar ..eu fico mais calma..a cabeça fica melhor..agora cantar não..eu tenho vergonha"

S.A, sexo feminino, portadora de esquizofrenia paranóide

O Caminho Noético e a Realização do Sentido de Vida.

"O meu outro me fez. O outro me faz, me cria, me constrói. E o primeiro olhar de minha mãe (esse que eu não lembro, mas sei como foi) é a matriz da lembrança dos outros todos depois dele ou antes: quando? Como? E dele, e deste olhar de amor em diante os instantes em que pela vida eu fui me fazendo ser e esquecer de ser que sou..todos eles foram os dons da troca. Foram os gestos com os olhos e foram olhares com as mãos: acenos, acentos de voz, palavras e silêncios: os longos, os densos desertos de silêncio de quando as almas se falam sem dizer. E foram afetos e memórias e o desejo e a lembrança e o esquecimento e mais a pressa e a demora, a espera e o desespero e o afago dos corpos e o tocar dos espíritos o encontro e o desencontro e a interação com que me fui fazendo nos meus outros: nos outros que me fazem dia-a-dia ao longo disso a que já não sei mais se eu chamo de vida ou de partilha"

No Terceiro Ciclo Terapêutico, isto é, do nono ao décimo segundo encontro com o grupo, tivemos como canção âncora para o tema "A Realização do Sentido da Vida", a canção *Emoções* de Roberto Carlos e a *Dança Grega da Ilha de Kós*, que traz em seus movimentos e história ensinamentos sobre o valor de cada ser humano diante da vida, o reconhecimento de cada um na roda da vida. Mais uma vez, as músicas e danças foram selecionadas tendo por base as entrevistas iniciais sobre o perfil musical dos participantes e os depoimentos e produção sonoro-musical dos mesmos ao longo do processo. Vejamos a canção âncora do canto coral para esse terceiro ciclo terapêutico.

Canção Âncora: Emoções

Roberto Carlos

Quando eu estou aqui

Eu vivo esse momento lindo

Olhando pra você

E as mesmas emoções sentindo

São tantas já vividas

São momentos que eu não me esqueci

Detalhes de uma vida

Histórias que encontrei aqui

Amigos eu ganhei

Saudades eu senti partindo

E às vezes eu deixei

Você me ver chorar sorrindo

Sei tudo que o amor

É capaz de me dar

Eu sei já sofri

Mas não deixo de amar

Se chorei ou se sorri

O importante é que emoções eu vivi

Quando eu estou aqui

Eu vivo esse momento lindo

De frente pra você

E as mesmas emoções sentindo

São tantas já vividas

São momentos que eu não esqueci

Detalhes de uma vida

Histórias que encontrei aqui

Mas eu estou aqui

Vivendo esse momento lindo

De frente pra você

E as mesmas emoções

Se repetindo

Em paz com a vida

E o que ela me traz

A fé que me faz

Otimista demais

Se chorei ou se sorri

O importante é que emoções eu vivi

Em relação a esse Terceiro Ciclo Terapêutico, gostaríamos de partilhar alguns depoimentos e sentidos dos portadores que mais marcaram o processo. Entre as vivências e valores compartilhados gostaríamos de destacar para esse ciclo: Os momentos de escuta como valores de criação e experiência para os portadores.

Outro valor e sentido importante mencionado pelos participantes em relação ao primeiro ciclo do processo terapêutico esteve relacionado aos momentos de escuta, nos quais eles poderiam compartilhar suas músicas e sentimentos com o grupo. Em diversos momentos, os portadores relatavam o quanto era importante e prazeroso mostrar suas músicas. Muitas delas serviam às vezes de disparadoras para diálogos do grupo. Compartilhar uma música é compartilhar o próprio universo anímico. Algo

íntimo, único, da história de cada um. Quando o grupo escuta, dá atenção a essa música, o grupo reconhece a existência, a intimidade, o universo anímico desse outro. Ocorre então um encontro na aceitação e acolhimento dessa diversidade expressa em vozes, melodias e harmonias pessoais. É um universo que se encontra e também se amplia pelas diferenças. Eu tenho algo de único a oferecer e também a receber do mundo. Tenho a oferecer minha existência e tenho outra vida também que me acolhe. A experiência de compartilhar canções em roda é a experiência do dialógico, da aventura do Encontro EU-TU, da partilha de histórias e sentidos que nos dão novamente identidade e raízes, tão essenciais nos transtornos mentais e na própria vida. Reconhecemos a existência de cada um na roda, a existência de cada ser porque escutamos sua canção, permitimos que ela aconteça. Mas a linguagem musical permite uma transformação que não ocorre no domínio verbal. Ela vem acompanhada de formas, cores e sons que fazem com que o outro possa também se abrir e sair transformado da experiência. A linguagem musical traz um forte elemento emocional para a comunicação, nesse caso, um elemento noético, porque se vincula com os valores e sentidos subjetivos da existência de cada ser. Vejamos a seguir alguns depoimentos e trechos de canções das músicas partilhadas pelos portadores nesse terceiro ciclo. A forma de partilha variava de CD ou uso vocal acompanhado de instrumentos (violão ou percussão) pelo próprio participante, com ajuda muitas vezes das musicoterapeutas e do grupo.

"Eu trouxe uma música hoje pra cantar com vocês que é Ave Maria da Rua, do Raul Seixas. Eu gosto muito, fala muito do que sinto, como sinto. Quando estou nos piores momentos, muito atormentado, eu gosto de ouvir aquela parte:

Minha mãe, minha mãe
Me ensina a segurar a barra
De te amar
Não estou cantando só
Cantamos todos nós
Mas cada um nasceu
Com a sua voz, Ou ou ou
Pra dizer, pra falar
De forma diferente
O que todo mundo sente.

Eu acho muito verdadeiro e por isso me emociono quando estamos juntos para cantar, a voz de todo mundo se encontrando, é muito bonito, bonito mesmo o encontro da gente"

R, sexo masculino, portador de transtorno de personalidade

"Gente hoje eu quero dar de presente pra vocês uma música muito bonita, que fala disso tudo que a gente tá falando, de amizade, de estar junto, de amor, de não desistir..Vamos lá, vamos levantar todo mundo (risos do grupo)..Eu não sei ela toda, mas vamos à parte que eu gosto:

Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não
Nas escolas nas ruas, campos, construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer(aplausos).

Obrigado, Obrigado (risos)...Amo vocês(risos)" N, sexo masculino, esquizofrenia hebrefênica

"Juliana, eu gosto de uma mas eu não sei de quem é.. É uma música sertaneja que fala assim:

Eu apanhei Eu apanhei Eu apanhei Eu apanhei

Eu sempre me lembro de um dia que fiz uma coisa errada com minha irmã e meu pai me bateu muito. Eu consigo lembrar desse dia. Nunca esqueci. Eu falo sempre pro meu pai " S.A, sexo feminino, portadora de esquizofrenia paranóide

"Eu trouxe hoje pra vocês uma música que eu adoro..ela é meio triste mas fala muito de como me sinto. Sozinha eu não consigo cantar (risos) Me ajude(grupo acompanha a colega no canto):

> Por tanto amor Por tanta emoção A vida me fez assim Doce ou atroz Manso ou feroz Eu caçador de mim Preso a canções Entregue a paixões Que nunca tiveram fim Vou me encontrar Longe do meu lugar Eu, caçador de mim Nada a temer senão o correr da luta Nada a fazer senão esquecer o medo Abrir o peito a força, numa procura Fugir as armadilhas da mata escura Longe se vai (choro) Eu, caçador de mim (choro)'

F, sexo feminino, portadora de transtorno depressivo grave

Compreensão dos Sentidos

"Apesar de tudo, Sim à Vida".

Viktor Frankl

"Vivemos no finito. Tudo o que tocamos é limitado. Mas o

nosso desejo é infinito, é ilimitado. Então, para sermos fiéis aos apelos de nossa

interioridade, é preciso manter essa abertura infinita"

Leonardo Boff

No Quarto e último Ciclo Terapêutico, isto é, do décimo terceiro ao décimo

sexto encontro com o grupo, tivemos como canção âncora para os valores de atitude

proposto por Frankl, um cânone em três melodias feito pelo regente Ériko Firmino

Artiolli, a partir de uma frase de Viktor Frankl: "Apesar de tudo, sim à vida!" e uma

Ciranda de Antonio Nóbrega, muito alegre e festiva, que fala sobre namoro e celebração

da vida, tema, aliás, comentado por muitos participantes ao longo do processo. Mais

uma vez, as músicas e danças foram selecionadas tendo por base as entrevistas iniciais

sobre o perfil musical dos participantes e os depoimentos e produção sonoro-musical

dos mesmos ao longo do processo. Vejamos:

Dança de Roda: Ciranda Antonio Nóbrega

Menina, vou te ensinar

Como é que se namora:

Põe a alma num sorriso

E o sorriso põe pra fora

Olhe nos olhos

Olhe dentro da pupila,

Veja bem se ela brilha

Ou se vai se apagar

Pois o olhar

É ele que denuncia

Se está quente ou se está fria

A paixão, o bem amar

Pegue na mão,

Sinta dela o seu calor,

Veja dela o seu rubor,

Sua força, seu pulsar,

Porque a mãoé ela que anuncia

Se o namoro nasce e cria

Ou se nasce e vai murchar

Quanto ao beijo

Tem que ser bem de mansinho,

Permitido com carinho

Pra poder não machucar

Porque o beijo

É ele quem amacia

Quem dá paz e é o guia

Para o novo amor chegar

E num abraço

Apertado, mas com jeito,

Sinta como bate o peito,

Se é forte ou quer falhar

Pois coração

É fonte de alegria

É ele quem prenuncia

Se o amor há de jorrar

Em relação a esse Quarto e último Ciclo Terapêutico, gostaríamos de partilhar alguns depoimentos e sentidos dos portadores que mais marcaram o processo. Entre as vivências e valores compartilhados gostaríamos de destacar para esse ciclo: o sentido do canto e do corpo na partilha solidária da roda e a seleção dos cantos considerados noéticos, isto é, plenos de valores existenciais, na visão dos portadores.

a) O sentido do canto e do corpo na partilha solidária da roda.

Nesse último ciclo terapêutico os depoimentos e falas dos portadores estiveram mais relacionados com a experiência do prazer e libertação por meio do canto e do corpo na partilha solidária da roda. Muitos participantes fizeram comentários, em diversos momentos do processo, sobre a possibilidade que o canto e o movimento permitem de sair da prisão dos próprios pensamentos e ficar um tempo livre, com espaço para outros sentimentos e com mais abertura e disponibilidade para o outro, para a vida, para os encontros. Vejamos algumas das falas dos participantes.

"Toda quarta que venho aqui para cantar e dançar tenho uma injeção de ânimo...tem muitas coisas que eu aprendi..a gente fala de muitas coisas aqui..da vida..de valores..mas acho que se não fosse a música, o corpo..eu continuaria preso..preso nos pensamentos..nas mesmas idéias..o bom é que quando a gente senta pra conversar um pouco, pra partilhar...a gente já dançou, já cantou...a alma tá diferente..então a gente consegue ver diferente também a vida...a minha visão mudou muito..." R, sexo masculino, portador de transtorno de personalidade "Pra mim me ajuda muito nos pensamentos...engraçado...mas os passos, ter que aprender, concentrar...coordenar...me ajudam muito a não ficar tão atormentada... fico mais equilibrada...na verdade (risos) fico sem pensar em nada..isso é uma maravilha..(risos)..acho que o corpo, a dança é que faz isso..cantar eu tenho vergonha..mas quando cantamos juntos fica bonito...daí eu gosto muito..não tenho vergonha...e as músicas falam de coisas bonitas...eu penso nisso...mas aí é um problema (risos)...penso e me atormento de novo...(risos)..daí que o corpo, a dança é melhor..paro de pensar e começo a me divertir apenas.."

S.A, sexo feminino, esquizofrenia paranóide

S.A, sexo jeminino, esquizojrenia paranoide

"Pra mim foi ótimo quando chegou meu dia de partilhar minha música e dançamos todos juntos Frank Sinatra. Eu não sei..mas dançar..dançar é tão bom...o coração bate nessas horas...e alegria é o que mais a gente precisa..a gente que tem essas doenças que atormentam demais...é uma doença mesmo da cabeça, do pensamento..então aquilo que faz a gente ficar alegre é muito bom"

V, sexo masculino, portador de transtorno bipolar

b) A seleção dos cantos considerados noéticos na visão dos portadores.

Um caminho interessante e transformador na visão dos participantes era o momento da partilha musical, do que tinha sentido e valor na vida de cada um. Na visão da maioria, o que importava era o respeito, a atenção e o carinho do grupo no simples ato de ouvir e de acolher a música do outro. Os participantes eram incentivados a buscar e pesquisar músicas em casa, tanto de sua biografia sonoro-musical quanto de universos sonoros novos. O importante era a capacidade do paciente manter um diálogo dos valores e sentidos partilhados ao longo do processo com músicas e canções que

Compreensão dos Sentidos

96

abrissem esse canal em suas vidas. Não apenas abrir o canal noético, mas sobretudo fortalecer, revelando outra possibilidades e sentidos de saúde existencial. A seguir as letras do *mosaico sonoro noético* (CD) realizado pelos portadores ao longo dos quatro ciclos terapêuticos (incluindo o arquivo musical coletado na entrevista e biografía musicoterápica inicial):

Tocando em Frente Almir Sater

Composição: Almir Sater e Renato Teixeira

Ando devagar porque já tive pressa e levo esse sorriso porque já chorei demais Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe Só levo a certeza de que muito pouco eu sei, ou nada sei..

Conhecer as manhas e as manhãs o sabor das massas e das maçãs É preciso amor pra poder pulsar É preciso paz pra poder sorrir É preciso a chuva para florir

Penso que cumpri a vida seja simplesmente compreender a marcha ir tocando em frente como um velho boiadeiro levando a boiada eu vou tocando os dias pela longa estrada eu vou, estrada eu sou

Conhecer as manhas e as manhãs o sabor das massas e das maçãs É preciso amor pra poder pulsar É preciso paz pra poder sorrir É preciso a chuva para florir

Todo mundo ama um dia, todo mundo chora Um dia a gente chega no outro vai embora cada um de nós compõe a sua história cada ser em si carrega o dom de ser capaz e ser feliz

Conhecer as manhas e as manhãs o sabor das massas e das maçãs É preciso amor pra poder pulsar É preciso paz pra poder sorrir É preciso a chuva para florir

Ando devagar porque já tive pressa levo esse sorriso porque já chorei demais cada um de nós compõe a sua história cada ser em si carrega o dom de ser capaz de ser feliz

Um Violeiro Toca Almir Sater

Composição: Almir Sater / Renato Teixeira

Quando uma estrela cai, no escurão da noite, e um violeiro toca suas mágoas.

Então os olhos dos bichos, vão ficando iluminados Rebrilham neles estrelas de um sertão enluarado Quando o amor termina, perdido numa esquina, e um violeiro toca sua sina.

Então os olhos dos bichos, vão ficando entristecidos Rebrilham neles lembranças dos amores esquecidos. Quando um amor começa, nossa alegria chama, e um violeiro toca em nossa cama.

Então os olhos dos bichos, são os olhos de quem ama Pois a natureza é isso, sem medo nem dó nem drama Tudo é sertão, tudo é paixão, se o violeiro toca A viola, o violeiro e o amor se tocam...

Chalana Almir Sater

Composição: Mario Zn e Arlindo Pinto

La vai uma chalana
Bem longe se vai
Navegando no remanso
Do rio Paraguai
Ah! Chalana sem querer
Tu aumentas minha dor
Nessas águas tão serenas
Vai levando meu amor
Ah! Chalana sem querer
Tu aumentas minha dor
Nessas águas tão serenas
Vai levando meu amor

E assim ela se foi
Nem de mim se despediu
A chalana vai sumindo
Na curva lá do rio
E se ela vai magoada
Eu bem sei que tem razão
Fui ingrato
Eu feri o seu pobre coração
Ah! Chalana sem querer
Tu aumentas minha dor
Nessas águas tão serenas
Vai levando meu amor
Ah! Chalana sem querer
Tu aumentas minha dor

Canto de um Povo de um Lugar Caetano Veloso

Nessas águas tão serenas

Composição: Caetano Veloso

Todo dia o sol levanta E a gente canta Ao sol de todo dia

Fim da tarde a terra cora E a gente chora Porque finda a tarde

Vem a noite a lua mansa E a gente dança Venerando a noite

Velha Roupa Colorida Belchior

Composição: Belchior

Você não sente nem vê Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo Que uma nova mudança em breve vai acontecer E o que há algum tempo era jovem novo Hoje é antigo, e precisamos todos rejuvenescer

Nunca mais teu pai falou: "She's leaving home" E meteu o pé na estrada, "Like a Rolling Stone..." Nunca mais eu convidei minha menina
Para correr no meu carro...(loucura, chiclete e som)
Nunca mais você saiu a rua em grupo reunido
O dedo em V, cabelo ao vento, amor e flor, quero cartaz

No presente a mente, o corpo é diferente E o passado é uma roupa que não nos serve mais No presente a mente, o corpo é diferente E o passado é uma roupa que não nos serve mais

Como Poe, poeta louco americano,
Eu pergunto ao passarinho: "Blackbird, o que se faz?"
Raven never raven never raven
Blackbird me responde
Tudo já ficou atras
Raven never raven never raven
Assum-preto me responde
O passado nunca mais

Você não sente não vê

Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer
O que há algum tempo era novo, jovem
Hoje é antigo
E precisamos todos rejuvenescer (bis)
E precisamos rejuvenescer

Asa Branca

Luíz Gonzaga

Composição: Luiz Gonzaga / Humberto Teixeira

Quando olhei a terra ardendo Qua fogueira de São João Eu preguntei a Deus do céu, uai Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornaia Nem um pé de prantação Por farta d'água perdi meu gado Moreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca Bateu asas do sertão "Intonce" eu disse a deus Rosinha Guarda contigo meu coração Hoje longe muitas léguas Numa triste solidão Espero a chuva cair de novo Para eu voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus oio Se espalhar na prantação Eu te asseguro não chore não, viu Que eu voltarei, viu Meu coração

Sementes do Amanhã

Erasmo Carlos

Composição: Gonzaga Jr.

Ontem o menino que brincava me falou Que hoje é semente do amanhã Para não ter medo que esse tempo vai passar Não se desespere não, nem pare de sonhar Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar Fé na vida, fé no homem, fé no que virá Nós podemos tudo Nós podemos mais Vamos lá fazer o que será

Enquanto Houver Sol

Titãs

Composição: Sérgio Britto

Quando não houver saída Quando não houver mais solução Ainda há de haver saída Nenhuma idéia vale uma vida

Quando não houver esperança Quando não restar nem ilusão Ainda há de haver esperança Em cada um de nós, algo de uma criança

Enquanto houver sol, enquanto houver sol Ainda haverá

Enquanto houver sol, enquanto houver sol

Quando não houver caminho Mesmo sem amor, sem direção A sós ninguém está sozinho É caminhando que se faz o caminho

Quando não houver desejo Quando não restar nem mesmo dor Ainda há de haver desejo Em cada um de nós, aonde Deus colocou

Enquanto houver sol, enquanto houver sol Ainda haverá Enquanto houver sol, enquanto houver sol

Enquanto houver sol, enquanto houver sol Ainda haverá Enquanto houver sol, enquanto houver sol

Enquanto houver sol, enquanto houver sol Ainda haverá Enquanto houver sol, enquanto houver sol

É Preciso Saber Viver Titãs

Composição: Roberto Carlos

Quem espera que a vida Seja feita de ilusão Pode até ficar maluco Ou morrer na solidão É preciso ter cuidado Pra mais tarde não sofrer É preciso saber viver

Toda pedra do caminho Você pode retirar Numa flor que tem espinhos Você pode se arranhar Se o bem e o mal existem Você pode escolher É preciso saber viver

É preciso saber viver É preciso saber viver É preciso saber viver Saber viver, saber viver!

Emoções

Roberto Carlos e Erasmo Carlos

Composição: Indisponível

Quando eu estou aqui eu vivo este momento lindo Olhando prá você e as mesmas emoções sentindo São tantas já vividas, são momentos que eu não me esqueci Detalhes de uma vida, histórias que eu contei aqui

Amigos eu ganhei, saudades eu senti partindo E às vezes eu deixei você me ver chorar sorrindo Sei tudo que o amor é capaz de me dar Eu sei já sofri mas não deixo de amar Se chorei ou se sorri O importante é que emoções eu vivi

Mas eu estou aqui vivendo esse momento lindo De frente prá você e as emoções se repetindo Em paz com a vida e o que ela me traz Na fé que me faz otimista demais Se chorei ou se sorri O importante é que emoções eu vivi

Planeta Sonho 14 Bis

Composição: Flávio Venturini / Márcio Borges/ Vermelho

Aqui ninguém mais ficará depois do sol No final será o que não sei mas será Tudo demais, nem o bem, nem o mal , só o brilho calmo dessa luz

O planeta calma será Terra, o planeta sonho será Terra E lá no fim daquele mar a minha estrela vai se apagar Como brilhou, fogo solto no caos

Aqui também é bom lugar de se viver Bom lugar será o que não sei mas será Algo a fazer, bem melhor que a canção mais bonita que alguém lembrar

A harmonia será Terra, a dissonância será Terra E lá no fim daquele azul os meus acordes vão terminar Não haverá outro som pelo ar

O planeta sonho será Terra, a dissonância será bela E lá no fim daquele mar a minha estrela vai se apagar Como brilhou, fogo solto no caos

Fly Me To The Moon Frank Sinatra

Composição: Bart Howard

Fly me to the moon Let me play amoung the stars Let me see what spring is like On jupiter and mars

In other words, hold my hand In other words, baby kiss me

Fill my heart with song and Let me sing for ever more You are all I long for All I worship and adore

In other words, please be true In other words, I love you

Fill my heart with song and Let me sing for ever more You are all I long for All I worship and adore

In other words, please be true In other words In other wordsss, I love you

Fly Me To The Moon (tradução) Frank Sinatra

Composição: Bart Howard

Leve-me até a lua Deixe-me brincar entre as estrelas Deixe-me ver como é a primavera Em Júpiter e Marte

Em outras palavras, segure minha mão Em outras palavras, baby, beije-me

Encha meu coração com música e

Deixe-me cantar para sempre e mais Você é tudo o que eu desejo Tudo que eu venero e adoro

Em outras palavras, por favor seja sincera Em outras palavras, eu te amo

Encha meu coração com música e Deixe-me cantar para sempre e mais Você é tudo o que eu desejo Tudo que eu idolatro e adoro

Em outras palavras, por favor seja sincera Em outras palavras Em outras palavras, eu te amo

My Way Frank Sinatra

Composição: Paul Anka & Jacques Revaux

And now the end is near And so I face the final curtain My friend, I'll say it clear I'll state my case of which I'm certain

I've lived a life that's full I traveled each and every highway And more, much more than this I did it my way

Regrets, I've had a few But then again, too few to mention I did what I had to do And saw it through without exemption

I've planned each charted course Each careful step along the byway And more, much more than this I did it my way

Yes there were times, I'm sure you knew When I bit off more than I could chew But through it all when there was doubt I ate it up and spit it out

I faced it all and I stood tall And did it my way

I've loved, I've laughed and cried I've had my fill, my share of losing And now as tears subside I find it all so amusing

To think I did all that And may I say, not in a shy way Oh no, oh no, not me I did it my way

For what is a man, what has he got? If not himself, than he has naugth To say the things he truly feels And not the words of one who kneels

The record shows, I took the blows And did it my way

My Way (tradução) Frank Sinatra

Composição: Indisponível

My Way - Meu Jeito

E agora o fim está próximo Então eu encaro o desafio final Meu amigo, Eu vou falar claro Eu irei expor meu caso do qual tenho certeza

Eu vivi uma vida que foi cheia Eu viajei por cada e todas as rodovias E mais, muito mais que isso Eu fiz do meu jeito

Arrependimetos, eu tive alguns Mas então, de novo, tão poucos para mencionar Eu fiz, o que eu tinha que fazer E eu vi tudo, sem exceção

Eu planejei cada caminho do mapa Cada passo, cuidadosamente, no correr do atalho Oh, mais, muito mais que isso Eu fiz do meu jeito

Sim, teve horas, que eu tinha certeza Quando eu mordi mais que eu podia mastigar Mas, entretanto, quando havia dúvidas Eu engoli e cuspi fora Eu encarei e continuei grande E fiz do meu jeito

Eu amei, eu ri e chorei Tive minhas falhas, minha parte de derrotas E agora como as lágrimas descem Eu acho tudo tão divertido De pensar que eu fiz tudo E talvez eu diga, não de uma maneira tímida Oh não, não eu Eu fiz do meu jeito

E pra que é um homem, o que ele tem Se não ele mesmo, então ele não tem nada Para dizer as coisas que ele sente de verdade E não as palavras que ele deveria revelar Os registros mostram que eu recebi as desgraças E fiz do meu jeito

A compreensão noética dos sentidos por meio da partilha musical e das vivências nas rodas das danças não necessariamente deve passar, na visão musicoterápica, pelo processo verbal. Cada participante irá revelar o quanto é necessário ou não expressar verbalmente os valores e sentidos da experiência. Os elementos não verbais no processo musicoterápico são muito mais relevantes. Alguns participantes convidam o grupo para dançar enquanto a música acontece, outros cantam juntos ou dramatizam a letra, outros partilham verbalmente e motivam os colegas também para a comunhão de pensamentos e sentimentos, outros falam por meio dos movimentos, do corporal, gestos e do olhar. Para um musicoterapeuta todas as expressões não verbais são extremamente significativas e repletas de mensagens no caminho de cada um. Um sorriso, um olhar, um movimento, um canto por parte de quem iniciou sua trajetória com elementos corporais e sonoros opostos são mais relevantes do que aquilo que ele foi capaz ou não de comunicar verbalmente. Do ponto de vista antropológico, a linguagem não verbal (som e movimento) antecede a

linguagem verbal e esta antecede a linguagem escrita. Acreditamos que a musicoterapia possa oferecer elementos e perspectivas valiosas, tanto no caminho noético proposto por Frankl, quanto no caminho da saúde mental, justamente por suas possibilidades de abertura de novos canais de comunicaçãoor e expressão por meio do sonoro e corporal. Apesar do grande prazer e dos muitos aprendizados pessoais e existenciais que tívemos neste presente estudo, reconhecemos que a investigação se apresentou muito difícil e complexa pelo volume de dados e registros verbais e não verbais dos participantes ao longo dos 16 encontros. Não bastasse a quantidade e diversidade de elementos, como entrevistas iniciais individuais, depoimentos e questões disparadoras ao longo do processo, existiam também elementos não verbais riquíssimos para a análise musicoterapêutica, como as produções sonoro-musicais dos portadores, a linguagem corporal, expressões faciais. Como toda investigação, sabíamos, neste caso, dos inúmeros obstáculos e dificuldades que enfrentaríamos ao trabalhar com esse tema, principalmente por ter como referência e embasamento teórico-metodológico uma abordagem existencial em psicologia. Sabemos que contemplamos e compartilhamos produções de sentido e experiências dos portadores que consideramos importantes para atuação em saúde mental. E, neste caso, são os sentidos e valores dos portadores que interessam à análise existencial.

Os pacientes que nos auxiliaram neste presente estudo tinham algumas características em comum. Esses dados, a nosso ver, não desvalorizam as produções de sentido e discussões contempladas. Os sentidos e a experiência da partilha possuem um valor próprio e único na pesquisa existencial. Mas esses dados podem nos alertar para o fato de que talvez existam alguns critérios clínicos mais ou menos favoráveis para os benefícios dos cantos e das danças circulares em saúde mental. Os portadores que participaram deste estudo, em sua grande maioria, estavam em condições de semi-internação, fora de crise, medicamentados e com abertura e identidade com as experiências musicais e de movimento anteriores. Além disso, embora os casos fossem muito graves, não eram casos tão comprometedores como outros com os quais trabalhamos ao longo de nossa jornada profissional. Tudo isso tornou o processo

relativamente favorável do ponto de vista da partilha dos sentidos e valores. De qualquer forma, em uma visão noética, fórmulas e manuais não teriam grande valor, pois o caminho se constrói no encontro e no diálogo. E isso é uma experiência nova a cada encontro. Então nessa abordagem continua tendo mais valor a contemplação dos sentidos e a experiência da partilha como possibilidades reais e concretas de uma saúde existencialmente mais plena. Essa construção, entretanto, tem de ser dialogada e partilhada a cada momento, sendo sempre única para cada indivíduo. A ciência deve, aos poucos, aceitar o singular, o único e a aventura no caminho do conhecimento. A dimensão noética não será aprisionada em fórmulas. É o ponto de abertura, o ponto no qual não somos, mas nos construímos a todo o momento, e por isso tendemos ao infinito, prontos às várias possibilidades de realização e sentido.

Em nossas considerações finais iremos pontuar três reflexões e aprendizados que fizeram parte dessa caminhada e que devem trazer ou ao menos despertar, apesar das inúmeras limitações do trabalho, o questionamento sobre a visão de mundo e de homem do profissional de saúde mental, bem como as possibilidades terapêuticas presentes na arte, em especial na arte do canto e do movimento como acesso a essa dimensão mais humana, própria daquilo que consideramos como saúde existencial. O primeiro aprendizado diz respeito à importância da vida e obra de Victor Frankl para a saúde mental, em particular sua visão sobre o caminho noético, que traz uma proposta e compreensão centrada na vivência e partilha dos valores para realização do sentido da vida. A realização do sentido da vida é para Frankl a dimensão de saúde existencial. A nosso ver, as idéias e a psicoterapia de Viktor Frankl ainda são pouco conhecidas e compreendidas pelos profissionais de saúde mental. Frankl traz discussões sobre a dimensão noética (ou espiritual) que ainda geram muitos conflitos em uma visão mais tradicional da ciência. Acreditamos que seja muito importante no futuro uma retomada e

diálogo daquilo que Frankl e outros estudiosos entendem por dimensão espiritual no homem. Acreditamos que, por mais críticas e resistências que esse debate possa oferecer na academia, essa é uma dimensão real na busca e nos sentidos contemplados pelo E aquilo que é próprio da dimensão humana, deve interessar à ciência, principalmente aos cuidadores e pesquisadores de saúde mental, por estarem mais diretamente envolvidos com questões e problemas que em algum ponto irão atravessar essa realidade. O segundo aprendizado e reflexão estão relacionados com o valor clínico e terapêutico do canto e das danças circulares como veículos de abertura de novos canais de comunicação para o universo de valores da dimensão noética. Se a dimensão noética é própria do homem, como afirma Frankl, é nessa dimensão em especial que deveríamos procurar entender o que é próprio da saúde no homem. Se a música e o corpo permitem essa abertura, como mostramos pelas falas e sentidos partilhados pelos portadores, podemos afirmar que eles, por serem manifestações próprias do noético, fortalecem a saúde nessa dimensão, considerando, é claro, o noético como dimensão de valores e de realização do sentido da vida. A dimensão mais profunda e possível de saúde e sentido em um ser humano não pode ser comunicada. Nessa dimensão o musicoterapeuta estabelece um diálogo. E, finalmente, como terceiro ponto dessa caminhada, fica claro que o encontro e a relação EU-TU de que nos fala Martin Buber é a base do processo de saúde e fortalecimento existencial dos portadores. A abertura para um encontro verdadeiramente genuíno e humano, o respeito à alteridade e a escuta aos sentidos e valores partilhados pelos portadores podem e devem apontar novas direções na trajetória dos profissionais em saúde mental. Esse encontro real, muito difícil na maior parte das vezes, e que exige nossa participação e transformação pessoal, tanto nos cuidados com o outro quanto na pesquisa, é a base do caminho noético. O canto e o movimento são veículos para esse caminho de encontro e

transformação. São veículos porque permitem a partilha e o acesso à experiência dos valores humanos como a experiência do belo, do encontro das vozes em um só canto, do sentimento de pertencimento e existência na roda da dança e, sobretudo, porque nesse processo de resgate do corpo, o foco sai da cabeça e chega ao coração. E como bem disse um paciente, "eu gosto de dançar porque a dança me deixa alegre e alegria é o que a gente mais precisa". A alegria, por sinal, é um valor próprio da dimensão noética, da dimensão do homem. E são esses valores que mais importam para a saúde mental. Pois a loucura, como bem afirmaram os próprios portadores, "é um tormento de pensamentos". Os cantos e as danças circulares, assim, são mais que veículos para o noético, são o próprio noético, porque representam aquilo que há de mais sublime no homem: o sentido de ser na partilha.

REFERÊNCIAS CITADAS

BOFF, L. Saber cuidar. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRANDÃO, C.R. Aprender o Amor. Sobre um afeto que se aprende a viver. Campinas: Papirus Editora, 2005.

BRUSCIA, K. **Definindo musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

FRANKL, V. Lo que no está escrito em mis libros – Memórias. Buenos Aires: San Pablo, 2003.

FRANKL, V. Um sentido para a vida. Psicoterapia e humanismo. São Paulo: Ed. Santuário, 1989.

FRANKL, V. A questão do sentido em psicoterapia. Campinas: Papirus, 1990.

FREGTMAN, C. Corpo, música e terapia. São Paulo: Cultrix, 1989.

GOBERSTEIN, M. Danças circulares: na roda, trocando barreiras por encontros. In Arte-Terapia: Reflexões – Revista do Departamento de Arte-Terapia do Instituto Sedes Sapientiae, v 4, n. 2, p 41-46, 2000.

GOMES, J. Logoterapia. A psicoterapia existencial-humanista de Victor Frankl. São Paulo: Loyola, 1992.

KANTORSKI, L. P. O cuidado em saúde mental no contexto da reforma psiquiátrica. In. VALLADARES, A. C. A. (Org.). **Arte-terapia no novo paradigma de atenção em saúde mental**. São Paulo: Vetor, 2004.

MINAYO, M.; SANCHES, O. "Quantitativo-Qualitativo: oposição e complementariedade?" **Cad. Saúde Pública**, v. 9, n. 3, p. 239-264, 1993.

MINAYO, M. (Org.). **Pesquisa social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

PINTO, T. O. Som e música. Questões de uma antropologia sonora. **Rev. Antropol.,** v. 44, n. 1, p. 222-226, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/ Acesso em: 22 junho 2007.

RIBEIRO, P. **Saúde mental**: dimensão histórica e campos de atuação. São Paulo: EPU, 1996.

SANTOS, B. S. Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pósmoderna. **Estudos Avançados**, v. 2, p. 46-71, 1988.

SAYÃO, L. **A condição dialógica da vida humana segundo Martin Buber**. Petrópolis: Universidade Católica de Petrópolis, 2002.

XAUSA, I. A psicologia do sentido da vida. Petrópolis: Vozes, 1986.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

AMARANTE, P. **Psiquiatria social e reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

AYRES, J. R. C. M. Tão longe, tão perto: o cuidado como desafio para o pensar e o fazer nas práticas de saúde In. SAEKI, T.; SOUSA, M.C.B.M. (Org.). **Cuidar**: tão longe... tão perto... Ribeirão Preto: FIERP /Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto /USP-USP /CNPq, 2002. p. 13-26.

BARTHOLO, R. **Você e eu – Martin Buber, presença palavra**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2001.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em Educação. Porto Editora Porto, 1997.

BRUSCIA, K. Case studies in music therapy. Gilsum: Barcelona Publisher, 1996.

BUBER, M. Eu e tu. Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

CONTADIOPOULOS, A. P.; CHAMPAGNE, F.; POVTIN, L.; DENIS, J. L. E.; BIJLE, P. Saber preparar uma pesquisa. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1997.

CORRÊA, A. K.; VALLE, E. R. M. A pesquisa fenomenológica em saúde: uma possibilidade de compreensão da existência humana. In. CASTRO, D. S. P. **Existência e saúde**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2000.

CUNHA, M. C. P. **O espelho do mundo**: Juquery - a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

DEBUS, M. Manual para la excelencia en la investigación mediante grupos focales. Washington: Health Com Agency for Internacional Development, 1994.

DEMO, P. Avaliação qualitativa. São Paulo: Cortez Editora, 1987.

FRANKL, V. Psicoterapia e sentido da vida. Fundamentos da logoterapia e análise existencial. São Paulo: Quadrante, 1986.

FRANKL, V. A psicoterapia na prática. Campinas: Papirus, 1991.

FRANKL, V. Em busca de sentido. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRANKL, V. A presença ignorada de Deus. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2004.

FUX, M. Dança. Experiência de vida. São Paulo: Summus, 1983.

GALLARDO, R. Musicoterapia y salud mental. Prevencion, asistencia y rehabilitacion. Buenos Aires: Ediciones Universo, 1998.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciencias Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GROSSMANN, E.; MIRON, V.L. Mudanças ocorridas na vida de sujeitos, doentes mentais, tratados em serviço de saúde mental alternativo ao modelo manicomial In. SAEKI, T.; SOUSA, M.C.B.M. (Org). **Cuidar**: tão longe... tão perto... Ribeirão Preto: FIERP/Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto /USP-USP /CNPq, 2002. p. 211-228.

HILLMAN, J. **O** código do ser. Uma busca do caráter e da vocação pessoal. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

HOLMES, D. **Psicologia dos transtornos mentais.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HUDELSON, P. M. Qualitative research for health programs. Geneva: WHO, 1994.

KANTORSKI, L. P.; MIRON, V. L. A Enfermagem Psiquiátrica brasileira: percorrendo os caminhos trilhados ao longo de sua história. In. SAEKI, T.; SOUSA, M. C. B. M. (Org.). **Cuidar**: tão longe... tão perto... Ribeirão Preto: FIERP/Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto /USP-USP /CNPq, 2002. p.283-298.

KANTORSKI, L. P.; WETZEL, C.; MIRON, V. L. O que temos ensinado ao acadêmico de enfermagem sobre enfermagem psiquiátrica e saúde mental? In. SAEKI, T.; SOUSA, M. C. B. M. (Org.). **Cuidar**: tão longe... tão perto... Ribeirão Preto: FIERP /Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP-USP /CNPq, 2002. p.269-282.

LANCETTI, A. Saúde e loucura. A clínica como ela é. São Paulo: Hucitec, 1998.

LARAIA, R. (1993). Cultura: Um Conceito Antropológico. 8ª Ed. RJ. Jorge Zahar.

MENEGHETTI, A. A música como ordem de vida. Rio Grande do Sul: ABO, 1992.

MENEGHETTI, A. O em si da arte. Rio Grande do Sul: ABO, 1992.

MILLECO, R. (Org.) É preciso cantar. Musicoterapia cantos e canções. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.

MINAYO, M.C. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1992.

MINAYO, M.; DESLANDES, S. Caminhos do pensamento. Epistemologia e método. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

NACHMANOVITCH, S. Ser criativo. O poder da improvisação na vida e na arte. São Paulo: Summus, 1993. PICHON RIVIERE, E. **Psiquiatria. Uma nova problemática**. São Paulo:. Martins Fontes, 1989.

RAMOS, R. (Org.) Danças circulares sagradas. Uma proposta de educação e cura. São Paulo: Triom, 1998.

ROCHA, R. M. Valorizando os aspectos culturais no cuidado. In. SAEKI, T.; SOUSA, M. C. B. M. (Org.). Cuidar: tão longe...tão perto... Ribeirão Preto: FIERP/Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP-USP /CNPq, 2002. p. 29-46.

RUUD, E. Caminhos da musicoterapia. São Paulo: Summus, 1990.

RUUD, E. **Música e saúde**. São Paulo: Summus, 1991.

ROGERS, C. A pessoa como centro. São Paulo: EPU, 1977.

SARACENO, B. Libertando identidades da reabilitação psicossocial à cidadania. Rio de Janeiro: Instituto Franco Basaglia, 1999.

SCHAFER, R. M. A afinação do mundo. São Paulo: UNESP, 2001.

STUART, G.; LARAIA, M. Enfermagem psiquiátrica: princípios e prática. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

TAVARES, C.M. A perspectiva da imaginação na Enfermagem Psiquiátrica. In. SAEKI, T.; SOUSA, M. C. B. M. (Org.). **Cuidar**: tão longe...tão perto... Ribeirão Preto: FIERP/Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP-USP /CNPq, 2002. p.257-268.

VIETTA, E. "Configuração triádica, humanista-existencial-personalista: uma abordagem teórica-metodológica de aplicação nas pesquisas de enfermagem psiquiátrica e saúde mental". **Rev. Latino-am. Enfermagem,** v. 3, n. 1, p. 31-43, janeiro 1995.

WHEELER, B. L. Music therapy research. Quantitative and qualitative perspectives. Saint Louis: Barcelona Publisher, 1995.

WILBER, K. O espectro da consciência. São Paulo: Cultrix, 1999.

WOSIEN, B. Dança: um caminho para a totalidade. São Paulo: Triom, 2002.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisa intitulada: "Contribuições dos cantos e danças de roda no tratamento e reabilitação de portadores de transtornos mentais em um Centro de Atenção Psicossocial", tem a finalidade de investigar os benefícios dos cantos e danças de roda no tratamento e reabilitação de portadores de transtornos mentais e compreender melhor suas produções de sentido para a existência a partir das experiências do som e do movimento. Para isso, serão realizadas atividades de canto e danças de roda, que ocorrerão uma vez por semana, durante doze semanas, e serão observadas por dois observadores treinados para este fim, que registrarão os comportamentos dos pacientes e também seus depoimentos no final de cada sessão. Antes do início da pesquisa serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com os sujeitos. As entrevistas serão gravadas. Para participar, estou ciente dos meus direitos abaixo relacionados, que são:
. a garantia de receber a resposta a qualquer pergunta ou
esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, beneficios e outros relacionados com a pesquisa e o tratamento a que serei submetido; a garantia também de não ter gastos com a referida pesquisa; . a liberdade de retirar meu consentimento a qualquer
momento e deixar de participar do estudo sem que isso traga prejuízo à continuação do
meu cuidado e tratamento;
. a segurança de que não serei identificado e que será
mantido o caráter confidencial da informação relacionada com a minha privacidade; o compromisso de me proporcionar informação atualizada durante o estudo, ainda que possa afetar minha vontade de continuar participando da
pesquisa;
o compromisso de que serei devidamente acompanhado e assistido durante todo o período de participação no projeto, bem como será garantida a continuidade do meu tratamento após a conclusão dos trabalhos de pesquisa. Tenho ciência do exposto acima, inclusive da
publicação dos resultados em periódicos científicos, e assim sendo, eu,
Ribeirão Preto, de de 2005.
Assinatura do paciente participante da pesquisa
t t
Pesquisadores responsáveis:

Prof. Dr. Luiz Jorge Pedrão

EERP-USP - Av. Bandeirantes, 3900; CEP: 14040-902; telefone: (16) 602 3418

e-mail: <u>lujope@eerp.usp.br</u>

Juliana Leonardi telefone: 3024 9686

e-mail: julianaleonardi@yahoo.com.br

APÊNDICE B

CADASTRO DE IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS DO ESTUDO

<u>IDENTIFICAÇÃO</u>

1.	Nome:
2.	Idade:
3.	Situação familiar:
4.	Religião:
5.	Escolaridade:
6.	Diagnóstico:
7.	Breve histórico clínico:
8.	Tratamentos atuais:
9.	Prognóstico/Depoimentos da equipe do CAPS sobre o paciente no momento
	atual (antes da implantação do projeto)

APÊNDICE C

MAPAS PARA ASSOCIAÇÃO DAS ENTREVISTAS

SENTIDOS E VALORES PARTILHADOS

Portadores	P1	P2	Р3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P 10
Questões										
Q1										
Q2										
Q3										
Q4										
Q5										
Q6										
Q7										
Q8										
Q9										
Q 10										

Observação: Após a entrevista com cada participante, que durava em média 1 hora e 30 minutos, a pesquisadora escutava a gravação e recolhia os trechos e falas mais significativos de cada sujeito. A fala noética, de sentido para o portador, se repete ao longo das questões. O mapa era então preenchido para que pudéssemos contemplar semelhanças e diferenças entre os sentidos e partilhas do grupo como um todo.

APÊNDICE D

QUADRO DE EVOLUÇÃO DO GRUPO

ELEMENTOS SONOROS, CORPORAIS E NOÉTICOS

Portadores	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P 10
Momentos										
Momento 1										
Momento 2										
Momento 3										
Momento 4										
Momento 5										
Momento 6										
Momento 7										
Momento 8										

Observação: A musicoterapeuta observadora registrava em um caderno de campo a evolução de cada participante no que diz respeito a elementos verbais e não verbais em cada momento da sessão. Esses elementos são: falas, depoimentos, postura corporal, expressão facial, sons, cantos, ritmo, coordenação etc.

ANEXO A

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO







ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO CENTRO COLABORADOR DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA EM ENFERMAGEM

Avenida Bandeirantes, 3900 - Campus Universitário - Ribeirão Preto - CEP 14040-902 - São Paulo - Brasil FAX: 55 - 16 - 633-3271 / 55 - 16 - 630-2561 - TELEFONES: 55 - 16 - 633-0379 / 602-3382

COMITÉ DE ÉTICA EM PESQUISA DA EERP/USP

Of.CEP-EERP/USP - 0126/2005

Ribeirão Preto, 6 de outubro de 2005

Prezado Senhor,

Comunicamos que o projeto de pesquisa, abaixo especificado, foi analisado e considerado **APROVADO** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em sua **79º Reunião Ordinária**, realizada em 28 de setembro de 2005.

Protocolo: n° 0557/2005

Projeto: Contribuições dos Cantos e Danças de Roda no Tratamento e Reabilitação

de Portadores de Transtornos Mentais em um Centro de Atenção

Psicossocial

Pesquisadores: Luiz Jorge Pedrão (Orientador) Juliana Leonardi (Mestranda)

Em atendimento à Resolução 196/96, deverá ser encaminhado ao CEP o relatório final da pesquisa e a publicação de seus resultados, para acompanhamento, bem como comunicada qualquer intercorrência ou a sua interrupção.

Atenciosamente,

Prof^a Dr^a Claudia Benedita dos Santos

Coordenadora do CEP-EERP/USP

Ilmª. Srª.

Prof. Dr. Luiz Jorge Pedrão (Orientador)

Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP